



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO ACADÊMICO**

**LORENA GOMES FREITAS DE CASTRO**

**O MEME DIGITAL:  
construção de objetos de discurso em textos multimodais**

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2017**

**LORENA GOMES FREITAS DE CASTRO**

**O MEME DIGITAL:  
construção de objetos de discurso em textos multimodais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras, na Área de Concentração: Estudos Linguísticos, sob a orientação de Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima.

**São Cristóvão**

**2017**

**LORENA GOMES FREITAS DE CASTRO**

**O MEME DIGITAL:  
construção de objetos de discurso em textos multimodais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras, na Área de Concentração: Estudos Linguísticos, sob a orientação de Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima.

Dissertação aprovada em 10 de abril de 2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

Geralda de Oliveira Santos Lima (Presidente)  
Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

---

Lílian Cristina Monteiro França (Membro Externo – 1ª Examinadora)  
Doutora em Comunicação Social e Semiótica pela Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo  
Universidade Federal de Sergipe

---

Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto Barros (Membro Interno – 2ª Examinadora)  
Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal de Sergipe

São Cristóvão/SE  
2017

“Aqueles que passam por nós não vão sós.  
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”  
*Antoine de Saint-Exupéry*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Vera Lúcia Gomes de Freitas e Genigesium de Castro Júnior, por terem sido sempre meus grandes exemplos de determinação e superação, por sempre terem acreditado em mim e me incentivado, a eles eu devo tudo o que sou.

À Professora Doutora Geralda de Oliveira Santos Lima, minha querida “tia” que me orienta desde o primeiro ano de graduação (2009) na UFS e a quem devo tudo que me tornei na academia. Obrigada por ter tido paciência em me escutar e me orientar neste projeto e em toda minha caminhada.

Aos meus familiares e amigos que estiveram sempre me apoiando e cuidando de mim, por não terem me deixado desistir, por ouvirem minhas preocupações, por serem carinhosos e afetuosos em todos os momentos, obrigada!

Ao meu esposo, Gabriel de Oliveira Poderoso, e família pelo amor, companheirismo, cuidado e paciência nessa jornada.

Aos meus amigos e amigas que estiveram comigo e compartilharam experiências e muito afeto, amigos da escola, da graduação (Turma 442), da turma de mestrado, do PPGL, do maravilhoso grupo LETAM (Laboratório de Estudos em Texto, Argumentação e Memória), vocês são muito importantes!

Às professoras Doutoras Maria Emília e Lilian França pelas observações, direcionamentos, incentivo e carinho, pessoas por quem tenho grande estima.

Às pessoas amigas que colaboraram, direta e indiretamente, e me apoiaram durante esse percurso e na consolidação dessa pesquisa.

À CAPES pela bolsa concedida.

## RESUMO

Todo ato de linguagem resulta de um jogo entre o implícito e o explícito (CHARAUDEAU, 2008). Esse fenômeno nasce de situações de discurso específicas, as quais se realizam a partir dos processos de produção e de interpretação, e intrínsecas ao contexto social, histórico e cultural (BAKHTIN, 2003[1979]). A comunicação tem evoluído da sua forma mais primitiva, aperfeiçoando-se e, conseqüentemente, passando pela invenção de várias tecnologias, até chegar a novos mecanismos midiáticos entremeados pelo mundo digital e desenvolvidos na contemporaneidade (das pinturas rupestres às placas de madeira/argila, aos pergaminhos, ao códex, aos livros, aos computadores, aos *tablets* etc.). Momento este em que essa hibridização de linguagens ganha uma nova dimensão (BRAGA, 2013). Esse redimensionamento amplia as formas de comunicar e, conseqüentemente, permite o surgimento de novos gêneros textuais que operam em função do contexto cultural (MARCUSCHI, 2008). O *meme* é um gênero simbólico no que diz respeito ao ambiente digital na atualidade. Entre tantos outros que fazem parte do universo da pesquisa, é importante que este gênero seja mais explorado, pois alude a configurações textuais e práticas sociodiscursivas que refletem a cultura do indivíduo na atualidade. Nessa perspectiva, e com base em Lévy (1999), Shifman (2014), Mondada e Dubois (2003), Cavalcante e Custódio Filho (2010), Cavalcante (2015), Koch e Elias (2016b), Kress e Van Leeuwen (2001), Xavier (2009), dentre outros de igual importância, buscamos, nesta pesquisa, analisar como os objetos de discurso são (re)elaborados, no gênero *meme* digital, durante a interação dos sujeitos na construção dos sentidos de textos multimodais à luz do sociocognitismo e sob a perspectiva atual dos estudos da Linguística de Texto em interface com a teoria da multimodalidade. Para tanto, defendemos, a partir da teoria da referenciação e de um olhar multimodal, que a feitura dos objetos de discurso acontece também sob configuração textual multissemiótica, e no gênero *meme* é, na maioria das vezes, recorrente em meios virtuais, sob uma representação multimodal, encapsulando informações e/ou porções de textos, na medida em que assumem algumas funções de indicação de críticas e de posicionamentos ideológicos ou, ainda, criação de efeitos de humor. Desse modo, atribuímos a esta pesquisa natureza qualitativa porque consideramos sua produção em ambiente de inteligência coletiva e de rápido compartilhamento dessas informações, isto é, alto grau de interação entre os sujeitos. Os *corpora* utilizados, *memes digitais*, foram mormente selecionados do *site* museu de memes, tomando por referência que o universo social é culturalmente compartilhado entre os interactantes do processo sociocomunicativo.

**Palavras-chave:** Meme Digital. Referenciação. Objeto de discurso. Texto multimodal.

## ABSTRACT

Every act of language results from a play between the implicit and the explicit (CHARAUDEAU, 2008). This phenomenon is born of specific discourse situations, which are carried out from the production and interpretation processes, and intrinsic to the social, historical and cultural context (BAKHTIN, 2003 [1979]). Communication has evolved in its most primitive form, perfecting itself and, consequently, passing through the invention of various technologies, until arriving at new media mechanisms interwoven by the digital world and developed in the contemporary world (from cave paintings to wood / clay plates, Scrolls, codex, books, computers, Tablets etc.). This moment in which this hybridization of languages gains a new dimension (BRAGA, 2013). This resizing broadens the ways of communicating and, consequently, allows the emergence of new textual genres that operate according to the cultural context (MARCUSCHI, 2008). The meme is a symbolic genre with respect to the digital environment today. Among so many others that are part of the research universe, it is important that this genre is more explored, since it alludes to textual configurations and sociodiscursive practices that reflect the individual's culture today. In this perspective, and based on Lévy (1999), Shifman (2014), Mondada and Dubois (2003), Cavalcante and Custódio Filho (2010), Cavalcante (2015), Koch and Elias (2016b), Kress and Van Leeuwen (2001), Xavier (2009), among others of equal importance, we seek, in this research, to analyze how the objects of discourse are (re) elaborated, in the digital meme genre, during the interaction of the subjects in the construction of the meanings of multimodal texts in the light of sociocognitivism and under the current perspective of the studies of Text Linguistics in interface with the theory of multimodality. To this end, From the theory of referencing and a multimodal view, that the making of the objects of speech happens also under multisemiotic textual configuration, and in the genre meme is, in most cases, recurrent in virtual environments, under a multimodal representation, encapsulating information and/or portions of texts, insofar as they assume some functions of indicating criticism and ideological positions or, also, creating humor effects. Thus, we attribute to this research qualitative nature because we consider its production in an environment of collective intelligence and rapid sharing of this information, that is, a high degree of interaction between the subjects. The corpora used, digital memes, were mostly selected from the memes museum website, taking as reference that the social universe is culturally shared among the interacting agents of the sociocommunicative process.

Keywords: Digital meme. Reference. Object of discourse. Multimodal text.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Texto escrito e hipertexto, Lexias .....	22
FIGURA 2: Meme <i>Killroy was here</i> .....	28
FIGURA 3: <i>Charlie bit my finger</i> Original.....	30
FIGURA 4: Meme <i>Charlie bit my finger</i> Imitado.....	31
FIGURA 5: Meme <i>Charlie bit my finger</i> Remixado.....	31
FIGURA 6: Tirinha Calvin e Haroldo “ <i>Uma garota nova</i> ” .....	45
FIGURA 7: Meme Bode Gaiato “ <i>Acóde Junin</i> ” .....	46
FIGURA 8: Tirinha Calvin e Haroldo “ <i>Desmatamento</i> ” .....	49
FIGURA 9: Meme Bode Gaiato “ <i>Issé hora Júnio?</i> ” .....	54
FIGURA 10: Campo de busca do #MuseudeMemes .....	59
FIGURA 11: Meme <i>Keep Calm and Carry On</i> .....	61
FIGURA 12: Meme Sossega o facho <i>and</i> não me aperreie .....	61
FIGURA 13: Meme Willy Wonka Irônico “ <i>Então eu sou um meme?</i> ” .....	63
FIGURA 14: Meme Willy Wonka Irônico “ <i>Então você é contra o capitalismo?</i> ” .....	64
FIGURA 15: Meme Arco-íris .....	67



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 GÊNEROS DISCURSIVOS.....</b>	<b>16</b>
1.1 Considerações em torno dos gêneros do texto/discurso.....	16
1.2 Texto multimodal, hipertexto e intertextualidade.....	19
1.3 O meme: abordagens sobre esse gênero digital.....	24
<b>2 PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO.....</b>	<b>35</b>
2.1 Texto e seus contextos: percorrendo caminhos.....	35
2.2 Texto e contexto: construindo sentidos.....	40
2.3 Objetos de discurso.....	43
<b>3 UMA ANÁLISE REFERENCIAL DE TEXTOS MULTIMODAIS .....</b>	<b>56</b>
3.1 Metodologia de análise.....	56
3.2 Análise dos <i>corpora</i> .....	61
a. <i>Keep calm and carry</i> e <i>Sossega o facho and</i> não me aperreie.....	61
b. <i>Willy Wonka</i> .....	63
c. Arco-íris.....	66
d. #Meuamigosecreto.....	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

A comunicação acontece por meio do uso da linguagem (verbal e/ou não verbal), pressupõem-se a interação e a troca de informações, certamente, diversas construções de sentidos. Podemos afirmar que a linguagem se realiza, muitas vezes, por meio de códigos semióticos distintos, ou melhor, de códigos multissemióticos. Basta prestarmos atenção às situações diárias, em que estamos a todo tempo lidando com os mais variados textos: placas de trânsito, ordens, aulas virtuais, um apelo de socorro, filmes, cheiro de comida pronta, entre outros.

Essas situações são preenchidas de noções instituídas socialmente, cuja percepção de sentidos é realizada por intermédio dos que fazem as leituras desses códigos, em situações específicas, por meio de vários sentidos. Operam sincronicamente a essas leituras os contextos próprios, tais quais históricos, culturais, sociais, cognitivos, dentre outros de igual valor.

Conhecimentos de ordem variada orientam leituras a partir das linguagens, portanto, entendemos que atuam em função do processo da interpretação de mundo, da aprendizagem, de informações adquiridas social, histórica e culturalmente. A construção desses enunciados – o uso da língua - pode se manifestar na estrutura de memes, gêneros capazes de se replicarem ao longo do tempo e mobilizados pelo processo de imitação.

Diante da perspectiva trazida por Dawkins (2006 [1976]), percebemos como o processo evolutivo tem a ver com unidades replicadoras de informação. Conforme o autor, o meme é para a memória o que o gene é para o DNA. Assim sendo, durante o processo de imitação, algo é passado adiante, é imitado, é aprendido; e, em função da redução da palavra *mimese* do grego, estabeleceu-se a palavra *meme*. Este é, antes de tudo, um replicador: conjunto de informações que pode ser compartilhado entre muitas pessoas, um “elemento cultural” capaz de constituir ideias, valores, instruções e comportamentos.

Refletindo sobre essa perspectiva de meme, sua natureza de rápida disseminação e cientes de os enunciados responderem a conteúdo temático, estilo e construção composicional, é importante reconhecer essas composições como gêneros, construções sociais discursivas indicadoras de diferentes pontos de vista nas redes sociais na

realidade contemporânea. No mundo digital, ideias, emoções, valores, argumentos e pontos de vista são veiculados em curto espaço de tempo, determinando novas formas de comportamento sociocomunicativo e interacional.

Essas formas, por sua vez, constituem novos gêneros textuais cuja realização se realiza por intermédio de recursos diversos tanto em função da expressão, quanto do conteúdo. Pois o ambiente virtual, além de comportar e conduzir esses gêneros textuais, proporciona ferramentas úteis para sua (re)construção, possibilitando seu caráter multimodal.

Os *corpora* deste trabalho chamamos *Meme* digital. Ora, se *meme* é elemento cultural rapidamente veiculado e compartilhado entre os negociadores da comunicação, consideramos que é, também, um gênero textual, e o mundo digital e as redes sociais permitem seu livre percurso e sua reelaboração. Por isso, são de grande importância para estudo de análise referencial através de um olhar multimodal.

Já mencionado, o conceito de *meme* não é inédito, não obstante, merece atenção pelas noções que se encontram com a linguagem, uma vez que esse conceito não deve implicar apenas a noção de gênero textual. Ao invés disso, deve ser buscado, sempre que necessário, em sua abrangência, principalmente, no que alude aos processos de construção e de reconstrução de sentidos, e como se realizam.

Ratificamos a ideia de que o contexto do meio digital permite não só a rápida veiculação desse gênero textual, mas também sua plasticidade. Reconhecemos tal gênero, enquanto prática social emergente em sua composição, tema e estilo integrando na expressão recursos semiológicos diversos, constituindo, portanto, o caráter multimodal do gênero *meme*. A partir de códigos multissemióticos, o gênero *meme* pode e deve ser analisado. É importante lembrarmos que ele pode circular no meio digital através de redes sociais várias (*Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, entre outras) em função dos recursos oferecidos aos internautas.

O gênero *meme* pode revelar funções comunicativas diversas, tanto pode apresentar caráter de entretenimento como de humor, discorrer sobre assuntos populares, muitas vezes atribuídos a situações cotidianas, como pode estar contextualizado em dimensões formais, envolvendo assuntos tais como: política, debates sobre ideologias, dentre outros.

Isso quer dizer que constituem imitações/retextualizações cujas informações neles inseridas podem estar baseadas (ou não) em fatos reais, apresentar características estruturais de outros gêneros do texto, consagrar-se numa expressão e, por isso, apresentar-se através de um código semiótico apenas ou na hibridização de linguagens, quando modalidades semióticas entre as quais vídeos, quadrinhos, músicas se integram umas às outras comprovando sua plasticidade enquanto gênero textual.

Essa diversidade na utilização de diferentes linguagens nas relações humanas tem se aprimorado e isso diz respeito às inúmeras formas do “querer-dizer”, uma vez que, “quando usamos a linguagem, estamos realizando ações individuais e sociais que são manifestações socioculturais, materializadas em gêneros textuais” (DIONISIO, 2011, p. 139). Perceber os aspectos multimodais do gênero *meme* é ir além da materialidade linguística e assumir uma postura de quebra de paradigmas, considerando-se aqui a necessidade de ampliar o rol de investigações, conseqüentemente, as abordagens do texto e a realidade de que este é um construto, podendo ser dinâmico no conteúdo - quando impregnado de sentidos - e na expressão.

Nesse panorama, o processo de referenciação, norteado pelo escopo teórico da linguística textual, garante suporte para as análises de textos de cunho linguístico. Além desse aporte teórico, contemplando o estudo de outras modalidades e de sua importância na construção de sentidos para o texto como um todo, tem-se o multimodal, em consonância com Kress e Van Leeuwen (2001, 2006), Dionisio e Vasconcelos (2013), Rojo e Barbosa (2015), entre outros de igual importância.

Neste trabalho, desenvolvemos uma análise referencial de textos multimodais, a partir do gênero *meme digital*. Foram selecionados nove (09) memes e distribuídos em três análises em função de apresentarem funções comunicativas diferenciadas, além da distinção na constituição multimodal dos textos. Para tanto, recorreremos a estudos desenvolvidos sobre os processos da referenciação, reconhecendo que a construção de sentidos do texto não se deve restringir ao linguístico, comprovando assim a necessidade iminente da interação entre os estudos da linguística de texto e os estudos sobre o discurso multimodal, na busca de ferramentas que auxiliem a estabelecer novos olhares aos processos de produção e compreensão de sentidos.

É preciso verificar e investigar os traços singulares de produção de sentidos, sobretudo, aqueles construídos a partir de fatores não linguísticos (imagens, gestos,

sons, tipografia etc.). Reiteramos, então, que novas formas de "querer-dizer" implicam novos comportamentos comunicativos, consequentemente, novos gêneros textuais.

As formas de comunicar se estabelecem como práticas socioculturais distintas, sobretudo, neste trabalho, focamos principalmente nessas práticas quando se considera a inovação tecnológica. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) permitem a emergência de gêneros de texto que variam em forma e conteúdo, representando práticas sociodiscursivas manifestadas em níveis distintos da linguagem. Por conseguinte, a repercussão do gênero *meme*, no ambiente virtual, ratifica a importância de estudos em linguística de texto e de estudos em texto multimodal conversarem entre si, para embasar a averiguação desse gênero enquanto prática social e realização textual.

Para isso, é preciso aprofundar-se nos assuntos que dizem respeito ao texto verbal e não verbal, no sentido de buscar instruções para ampliar o conhecimento e para fornecer subsídios a compreensões amplas dos processos de produção e compreensão de textos que circulam no mundo digital, e que são dotados de tanta dinamicidade.

Percebemos que, na realidade virtual, existem ferramentas que propiciam a construção multissemiótica de gêneros e a importância de estudar esses (hiper)textos, enquanto práticas textual-discursivas, isso significa dizer que precisamos ir além da sua materialidade linguística. Buscar identificar fenômenos multimodais, para melhor compreender os sentidos do texto, e comprovar sua importância na construção como um todo, porque “conhecer uma língua implica conhecer também o conjunto de procedimentos que envolvem seu uso social” (IRANDÉ, 2009, p. 37).

No que concerne à metodologia de pesquisa, decidimos pela de caráter qualitativo, pondo em foco a natureza subjetiva dos *corpora* escolhidos em função de suas particularidades, enquanto práticas sociais discursivas a serviço do sujeito como indivíduo e integrante de grupos e comunidades.

Investigamos como os interlocutores recorrem aos processos de ativação e de reativação no gênero *meme* digital, para reelaborar os objetos de discurso e os sentidos do texto multimodal, à luz do sociocognitivismo e/ou sob a perspectiva atual dos estudos da Linguística de Texto na interface com a teoria da multimodalidade.

Ademais, decidimos não nos delimitarmos em um processo de referenciação de modo específico (introdução referencial, anáfora ou dêixis), quer dizer que assinalamos como essencial a compreensão do funcionamento dos *objetos de discurso* em sentido

amplo e seus enunciados nos textos multimodais, evidenciando suas possíveis funções nos enunciados apresentados. Diante do objetivo geral apresentado, seguem os específicos:

- analisar memes veiculados, inicialmente, em redes sociais como *Facebook* e *Twitter* e, posteriormente, catalogados no *site* Museu de Memes;
- discutir a construção de sentidos na configuração multimodal para a (re)elaboração de objetos de discurso;
- realizar análises do gênero consideradas nos pressupostos da teoria da referencialização, levando em conta a constituição linguística e não linguística do texto, além dos contextos de produção;
- comprovar, através de uma análise referencial, a relevância de fenômenos não linguísticos para a construção de sentidos do texto, vislumbrando a construção de possíveis novos conceitos de texto.

Esta pesquisa tem seus estudos e experimentos organizados em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos as definições de gêneros do discurso, contemplando algumas definições básicas tais quais: os *gêneros textuais/discursivos*, a explanação acerca das tipologias textuais e o conceito de suporte de gênero. Mais adiante, trazemos informações sobre a multimodalidade, hipertexto, intertextualidade e, por fim, apresentamos alguns exemplos de textos multimodais. Autores importantes nessa etapa são Bakhtin (2003), Elias (2016), Rojo e Barbosa (2015), Marcuschi (2008, 2010, 2011, 2012), Kress and Van Leeuwen (2001, 2006) e Dionisio (2011), Dionisio e Vasconcelos (2013), Xavier (2009), Coelho (2014), Richard Dawkins (2006 [1976]), biólogo evolutivo e escritor britânico, Susan Blackmore (2000), psicóloga e também escritora, chegando até Limor Shifman (2013, 2014), Professora do Departamento de Comunicação e Jornalismo da Universidade Hebraica de Jerusalém, cuja abordagem dos *memes* é direcionada à cultura digital contemporânea e seus contextos. Neste capítulo explicitado o conceito de meme desde quando surgiu às considerações atuais.

O capítulo segundo explana os principais conceitos sobre texto e referencialização, texto/contexto/cotexto e o percurso histórico-teórico pelo qual passou o campo de estudos da LT. Essa retrospectiva tem como objetivo explicar como os estudos sobre o texto têm se desenvolvido, a fim de atender a mais fatores que operam tanto nos textos

em si, quanto dizem respeito ao discurso por eles produzidos. Valemo-nos de leituras de autores indispensáveis como Fontana (2016), Hanks (2008), Cavalcante (2011, 2012, 2015), Custódio Filho (2009, 2015), Cavalcante e Custódio Filho (2010), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Marcuschi (2008, 2010, 2011, 2012), Cavalcante, Bentes e Leite (2010), Koch (2009, 2011, 2015), Koch e Elias (2016) da LT, Koch, Morato e Bentes (2005), Koch, Bentes e Cavalcante (2008). Teóricos que tratam da cibercultura, Pierre Lévy (1999) e Braga (2013) versando sobre os ambientes digitais e outros de igual importância.

No terceiro capítulo, desenvolvemos uma análise referencial de textos multimodais. O percurso metodológico utilizado e discussões envolvendo os objetos de discurso em funcionamento nos memes digitais, todos compostos, em alguma instância, por recursos multimodais e algumas funções comunicativas do gênero meme que se apresentam em ambientes digitais. Logo depois, estão à vista as considerações finais e referências.

## 1 GÊNEROS DO DISCURSO

A forma sob a qual a linguagem se organiza é alvo de estudiosos e pesquisadores há muito tempo. A habilidade que hoje temos de (re)conhecer, enquanto *gênero* do discurso, não corresponde a objeto empírico da atualidade, mas sim alvo de observações desde a Grécia Antiga (MARCUSCHI, 2008).

A tradição poética e a tradição retórica foram deflagradas pelos pensadores Platão e Aristóteles, conseqüentemente, ao longo do tempo, as maneiras de pensar a linguagem se estenderam e passaram a atender a perspectivas teóricas de ramos diferenciados, sinalizando campos de estudos definidos e consolidando correntes distintas e percepções teórico-metodológicas no que diz respeito aos gêneros.

### 1.1 Considerações em torno dos gêneros discursivos

Ao se deparar com a esfera de estudos linguísticos, umas das noções mais caras aos pesquisadores é a noção de gênero do discurso/texto. Aprofundando-nos em estudos da linguagem, da construção de sentidos, passamos a compreender que o uso da língua está imbricado à elaboração de enunciados e, concomitantemente, esses enunciados se realizam através dos dispositivos que hoje compreendemos enquanto gêneros.

Segundo o pensador russo, Bakhtin (2006, p. 262), “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” Isso quer dizer que durante as situações de interação, nos processos comunicacionais, recorreremos a gêneros ao produzir nossos enunciados, intrinsecamente marcados pelas esferas da linguagem. Ao mencionarmos “esferas de uso da linguagem”, aludimos a situações específicas de interação, as quais apresentam características distintas de uso e mobilização e conhecimentos próprios.

Os diferentes âmbitos da comunicação influenciam diretamente três fatores essenciais dos gêneros, de acordo com Bakhtin (2006), o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional. Além disso, os gêneros são configurações que se constituem no tempo, na história e no contexto cultural de produção.



Na concepção bakhtiniana, há gêneros primários e secundários. Aqueles considerados simples e, estes, ditos complexos. Obviamente, aqui também serão responsáveis por essas caracterizações aspectos de ordem cultural e de elaboração, sendo assim, gêneros primários podem se transformar, por exemplo, em secundários e complexos.

Retomando a natureza dos *corpora* selecionados para a realização desta pesquisa e tomando por referência a concepção de gêneros de Bakhtin, os memes se constituem como enunciados concretos relativamente estáveis e atuam em um campo definido da atividade humana e da comunicação: ambiente digital.

Por um lado, Bakhtin nos explana que alguns gêneros requerem uma forma mais padronizada, apresentam menos condições para o reflexo da individualidade na linguagem. Neste momento, o autor faz referência a textos como documentos oficiais e ordens militares, isto é, textos com poder de registro, legitimadores de ação e com alto grau de formalidade.

Por outro lado, podemos afirmar que, apesar de serem consideradas formas relativamente estáveis na interação contemporânea, os memes não apresentam um padrão específico de organização. Além de condizer de maneira bastante afim à individualidade humana, representando sua subjetividade, uma vez que reporta, quase sempre, a situações cotidianas e específicas de produção de enunciados, contextos culturais definidos e posicionamentos argumentativos marcados.

Elaboramos enunciados e esses enunciados se realizam nos gêneros, na atualidade, as diversas formas de se comunicar e lugares de interação oferecem aos interlocutores mecanismos, recursos que enriquecem o uso da língua na associação a outras formas de linguagem. Consoante Rojo e Barbosa (2015)

Na vida contemporânea, em que os escritos se misturam com imagens estáticas (fotos, ilustrações) e em movimento (vídeos) e com sons (sonoplastias, músicas), a palavra ‘texto’ se estendeu a esses enunciados híbridos de ‘novo’ tipo, de tal modo que falamos em ‘textos orais’ e ‘textos multimodais’, como as notícias televisivas e os vídeos de fãs do YouTube (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 25)

No intuito de contemplar a apreensão eficiente dos conceitos teóricos de gênero (primários e secundários), enunciado, esfera da atividade humana, é imprescindível o

entendimento do que chamamos tipos textuais. De acordo com Marcuschi (2008), as tipologias são modos textuais marcados pela sua natureza linguística de composição, isto é, aludem a sequências linguísticas e comportam algumas poucas categorias, tais quais: a narração, a exposição, a argumentação, a descrição e a injunção. E, segundo o autor, ao passo que as tipologias textuais estão em menor número, os gêneros, “textos materializados em situações comunicativas recorrentes”, não podem simplesmente ser listados de forma limitada, precisamente por estarem imbricados aos fatores: tempo, história e cultura, designando modelos dinâmicos à disposição do uso da língua na interação.

Posto que os gêneros não devem ser assimilados pelos aspectos estruturais e organizacionais somente, a isto se acrescenta a percepção da dinâmica de elaboração, não haverá entendimento amplo desses modelos relativamente estáveis se não nos estiver clara a constatação de que atendem, sobretudo, às situações de comunicação, à interação social. Os gêneros integram, portanto, “práticas sociais situadas” (ROJO; BARBOSA, 2015) e abrangem situações específicas de comunicação.

Para além dos gêneros, tipologias, não podemos esquecer o *suporte* de gêneros, isto é, o “envoltório” que comporta o gênero e noção complexa. Conforme explana Marcuschi (2008, p. 174), suporte corresponde ao “*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”.

O suporte tem uma conexão precisa com o gênero transportado, uma vez que podem definir o gênero suportado. Depreendemos de acordo com o autor o seguinte: o suporte não define o gênero, no entanto, alguns gêneros necessitam de um suporte específico. A concepção de suporte apresentada aponta três aspectos: (a) suporte como lugar (físico ou virtual), (b) suporte tem formato específico e (c) suporte serve para fixar e mostrar o texto.

Além disso, o suporte pode se manifestar sob dois processos: convencional ou acidentalmente. Aqueles criados já com a perspectiva da função de mostrar determinado texto são denominados convencionais, por exemplo, livro, jornal, revista, *outdoor*, *folder* etc. Os acidentais constituem suportes eventuais ou casuais, geralmente considerados em situações corriqueiras ou específicas, como textos escritos em

banheiros, provérbios em para-choques de caminhão, mensagens nas roupas, tatuagens no corpo humano etc.

Marcuschi (2008) afirma, no caso da realidade virtual, que o suporte é a internet, já que comporta e conduz os gêneros. Com o avanço do uso das linguagens em ambiente digital, a possibilidade de reconhecer diversos domínios discursivos e a retomada do item (c) *suporte serve para fixar a mostrar o texto*, é possível pensarmos em vários *locus* na internet, como adianta o autor, a própria *homepage* e o *site* podem representar suportes de outros suportes de gêneros.

No que alude aos nossos *corpora*, é interessante observar que alguns memes surgiram em suportes específicos, redes sociais distintas, e podem, com sucesso ou não, transportar-se de um *locus* para o outro. Essa mobilidade pode estar associada aos recursos da *homepage* oferecidos aos interlocutores digitais, à multimodalidade e grau de hipertextualidade, como veremos a seguir.

## 1.2 Texto multimodal, hipertexto e intertextualidade

O sintagma multimodal vem do latim, sua etimologia *multimodus*, *a*, *um* designa um adjetivo para o que apresenta vários aspectos, o que é variado em modo (DICIONÁRIO DE LATIM-PORTUGUÊS, PORTUGUÊS-LATIM, 2006, p. 307). O texto multimodal, de modo genérico, é aquele constituído de vários modos, dotado de multissemioses<sup>1</sup>.

A multimodalidade no discurso constitui objeto de estudo de pesquisadores como Gunther Kress and van Leeuwen (2006[1996]). Autores da Gramática do Design Visual (GDV) que não constitui o primeiro material a tecer considerações sobre o estudo da imagem, porém é um material inédito no que diz respeito ao estudo da imagem em uma organização próxima à da gramática do léxico de um idioma, levando em consideração a sintaxe visual e como podem estar combinados seus elementos. Além disso, a obra também contempla o debate sobre as condições de produção dos elementos

---

<sup>1</sup> “Multissemiótico é um termo que designa a junção de várias semioses (várias linguagens). Para nos comunicarmos precisamos criar convenções de sentidos a determinadas formas de expressão. É assim que se criam as diferentes linguagens. Cada linguagem possui uma linguagem oral, formas de registro específicos para a linguagem escrita, diferentes convenções para interpretar imagem, cor e assim por diante. Por exemplo, o luto é representado pela cor preta no Ocidente e pela cor branca no Japão” (BRAGA, 2013, p. 139).

não verbais no que tange às condições históricas, sociais e culturais. Nas palavras dos autores

Nosso livro é sobre sinais - ou, como preferimos colocá-lo, sobre a tomada de sinal. Iremos discutir formas ("significantes") como cor, perspectiva e linha, bem como a maneira em que estas formas são utilizadas para realizar significados ('significados') na confecção de sinais. Mas a nossa concepção do sinal difere um pouco da concepção de "semiologia", e desejamos, portanto, comparar os dois pontos de vista de forma explícita. (KRESS AND VAN LEEUWEN, 2006, p. 6, tradução nossa).<sup>2</sup>

As possibilidades dentre várias escolhas possíveis de acionar os códigos semióticos – tal qual é possível fazer diante do léxico – indicam experiências e situações de interação específicas. Isso quer dizer que não é o idioma, a língua portuguesa – em nosso caso - que veicula os significados, mas que ideias e noções, os conceitos são culturalmente veiculados por modalidades diferentes.

As noções são historicamente situadas e podem se manifestar através da modalidade verbal, da modalidade imagética, sonora e/ou outras. Segundo Kress and Van Leeuwen (2006), em um texto linguístico, o enunciador seleciona um termo ao invés de outro, assim acontece em um texto não verbal quando um elemento, por exemplo, dentre várias cores, uma é escolhida por designar significações específicas.

Com a difusão das novas tecnologias e o ininterrupto surgimento de várias formas de querer-dizer, é natural que as pessoas façam uso dos vários mecanismos da comunicação – sejam eles de natureza verbal ou não verbal – para interagir. Tal qual pode acontecer no processo de aquisição de um idioma, não necessariamente o sujeito precisa compreender todas as normas e os mecanismos de funcionamento de uma língua para poder se comunicar com outros sujeitos eficientemente.

No intuito de comprovar a importância dos estudos da imagem como aspecto constitutivo da materialidade textual, ou seja, não somente como algo que dele faz parte, notamos que

---

<sup>2</sup> Original: The key notion in any semiotics is the 'sign'. Our book is about signs – or, as we would rather put it, about sign-making. We will be discussing forms ('signifiers') such as colour, perspective and line, as well as the way in which these forms are used to realize meanings ('signifieds') in the making of signs. But our conception of the sign differs somewhat from that of 'semiology', and we wish therefore to compare the two views explicitly.

Ensinar as regras da escrita não significou o fim do uso criativo da linguagem na literatura e em outros lugares, e ensinar habilidades visuais não vai significar o fim das artes. No entanto, assim como a gramática de forma criativa empregada por poetas e romancistas é, no final, a mesma gramática que usamos ao escrever cartas, memorandos e relatórios, desse modo a "gramática do design visual" criativamente empregada por artistas é, no final, a mesma gramática que precisamos quando produzimos layouts atraentes, imagens e diagramas para nossas apostilas do curso, relatórios, folhetos, comunicados de imprensa, e assim por diante. (KRESS and VAN LEEUWEN, 2006, p. 3, tradução nossa)<sup>3</sup>

O conceito de modalidade, conforme Kress e van Leeuwen (2006[1996]), na GDV aponta para uma ideia comum nos estudos linguísticos: representa o grau de veracidade inerente às declarações que são feitas no mundo e sobre o mundo. No léxico português, esses marcadores existem tanto na forma de verbos auxiliares (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), quanto na forma de adjetivos e advérbios modalizadores (CASTILHO, 2012). Conforme os autores, a modalidade não é um fenômeno difundido apenas por recursos linguísticos, tal qual a referenciação, é intrínseco à linguagem, e portanto, aos seus diversos mecanismos.

Segundo os autores, a relação entre significantes e significados para sinais motivados depende do objetivo do enunciador, já que escolhas podem ser realizadas em direção a marcadores modalizadores diferentes e, portanto, expressando sentidos verdadeiros ou falsos, reais ou fictícios, credibilidade ou insegurança durante a interação.

Ao falarmos também de multimodalidade, é impossível dispensarmos a noção de hipertexto, principalmente quando se trata de textos ou relações discursivas que se estabelecem em ambientes virtuais, o hipertexto *online*. De acordo com Xavier (2009), o hipertexto responde a “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” (p. 208).

---

<sup>3</sup> Original: Teaching the rules of writing has not meant the end of creative uses of language in literature and elsewhere, and teaching visual skills will not spell the end of the arts. Yet, just as the grammar relatively employed by poets and novelists is, in the end, the same grammar we use when writing letters, memos and reports, so the ‘grammar of visual design’ creatively employed by artists is, in the end, the same grammar we need when producing attractive layouts, images and diagrams for our course handouts, reports, brochures, communiqués, and so on.

O hipertexto, inerente a combinações de linguagens várias, desemboca num processo de construção de sentidos, o qual exige do leitor habilidades, no sentido de compreender as formas que configuram o texto e como elas se organizam, uma vez que decodificar apenas o material de ordem linguística não constitui procedimento garantidor de interpretação eficiente.

Segundo Braga (2013), o hipertexto é constituído por elementos designados lexias, estas são “cada segmento de texto que constitui um hipertexto” (p. 138). A ideia de hipertexto e lexias desconstrói o sentido habitual da leitura impressa, o entendimento abrangente de texto escrito como sequência linear.

A autora sustenta o conceito de lexia a partir da metáfora do lego, assevera que esses elementos possuem significados independentes e têm a característica de se ligar a outras lexias criando novas unidades de sentido, eis o que acontece muitas vezes no ambiente digital. Como veremos a seguir, o texto multimodal subsequente explana de modo claro e objetivo o que acabara de ser mencionado:

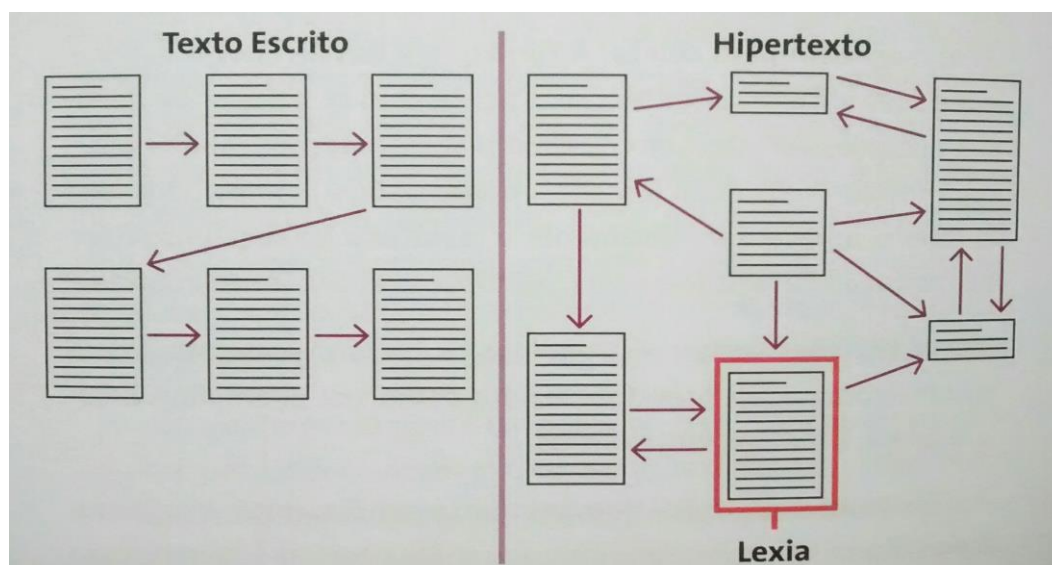


Figura 1: Texto escrito, hipertexto e lexia  
Fonte: Braga, 2013, p. 138.

O ciberespaço, explicitado por Lévy (1999), é um grande exemplo de ambiente constituído por hipertextos *online*, a internet e suas redes sociais permitem ao leitor acesso a várias lexias, que são organizadas das formas mais variadas. Essa

multidimensão textual nos direciona para um conceito importante no que diz respeito às novas formas de leitura: o processo de deslinearização.

Esse procedimento indica a quebra do modo de leitura convencional, primordialmente, aludindo a materiais convencionais escritos/impressos, embora possamos encontrar hipertextos em materiais impressos, ainda que em menor instância. Para além disso, tal qual apresentou Lévy (1999), ao apontar o ciberespaço enquanto ambiente de produção e inteligência coletiva, Xavier (2009) afirma:

O hipertexto permite que todos (autores e leitores), renomados ou não, com suas respectivas posições político-ideológicas defendam-nas num mesmo espaço virtual e democrático, para, através do debate, do confronto e da beligerância exclusivamente conceituais exporem seus pensamentos à avaliação coletiva e, quem sabe, chegarem a um consenso sobre os problemas fundamentais que aterrorizam a vida humana. É neste aspecto também que postulo o hipertexto como um lugar de coprodução dos sentidos. Sentidos homogêneos e hegemônicos nas questões essenciais (respeito incondicional à vida humana) e heterogêneos e divergentes nas triviais (diferenças de cultura, lazer e religião). A arquitetura do hipertexto otimiza tecnicamente este espaço de livre exposição, construção e debate de múltiplos discursos. Caberá, portanto, aos usuários utilizarem-no com estes propósitos ou não (XAVIER, 2009, p. 220).

Tomando por referência a citação de Xavier, precisamos refletir sobre o nosso contexto cultural, sobre a qualidade do acesso dos recursos oferecidos a nós pelas novas tecnologias em sentido amplo. Conforme Lemos (2016), *cibercultura* corresponde à cultura contemporânea, subentendemos as práticas sociais quase sempre mediadas por dispositivos eletrônicos.

A interação mediante dispositivos eletrônicos não conferiu transformações apenas nas formas de se comunicar, porém, a maneira como se tem distribuído e produzido informações, segundo o autor, vem provocando impactos nas relações estabelecidas em todas as áreas do conhecimento humano, como o comércio, a política e o lazer.

Lemos (2016) afirma, ainda reconhecendo que nem todos no país e no mundo possuem acessibilidade aos dispositivos eletrônicos e à rede, que o acesso tem crescido bastante, constituindo fator positivo diante da verdadeira questão: o uso efetivo que se faz dessa acessibilidade e das ferramentas que por ela são oferecidas aos interlocutores.

Isso quer dizer que as novas tecnologias e os dispositivos eletrônicos apresentam um potencial excelente no que diz respeito a atender às pessoas no intuito de melhorar a qualidade de vida, posto que não existe relação humana não mediada, a manipulação dos objetos (dispositivos eletrônicos) constitui o sujeito em função do vínculo desenvolvido com as coisas, as ferramentas (LEMOS, 2016). No próximo tópico, apresentamos algumas considerações a respeito do nosso objeto de estudo, o *meme*, e analogias com o intuito de entendê-lo enquanto gênero discursivo do meio digital.

### **1.3 O meme: abordagens sobre esse gênero digital**

O gênero discursivo, tal qual o *meme*, não assinala um conceito contemporâneo, no entanto, as abordagens sobre essa noção é que vêm se ampliando cada vez mais. Segundo Marcuschi (2008), os gêneros já eram alvo de curiosidade desde a Grécia Antiga, em que Platão e Aristóteles, respectivamente, traziam a tradição poética e a tradição retórica. Com o passar do tempo, algumas perspectivas foram se diferenciando e assumindo pressupostos teóricos distintos, determinando áreas específicas na abordagem do estudo dos gêneros.

Dentre essas perspectivas, podemos citar algumas apresentadas por Marcuschi (2008), para fins de explanação: a perspectiva sócio-histórica de Bakhtin; a comunicativa de Steger, Gülich, Bergmann e Berkenkotter; a sistêmico-funcional de Halliday; a sociorretórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de segunda língua de Swales e Bhatia; a interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para a língua materna de Bronckart, Dolz e Schneuwly; a análise crítica de Fairclough e Kress; a sociorretórica/sócio-histórica e cultural de Miller, Bazerman e Freedman.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 154), o posicionamento teórico defendido é que não é possível estabelecer comunicação sem que essa se efetive através de algum gênero textual, seja ele qual for, “isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”. Este atua em vários contextos e em infinitas esferas do conhecimento humano, de maneira específica, tem caráter social e histórico, não depende apenas da realização individual do enunciador.



Outros pesquisadores do campo da linguística textual compartilham dessa lógica com alguns adendos. Koch e Elias (2011, p. 107) explanam, por exemplo, que “todo gênero é marcado por sua esfera de atuação, que promove modos específicos de combinar, indissolúvelmente, conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição”. Aspectos sobre a intergenericidade (quando um gênero pode assumir a forma de outro) e a heterogeneidade tipológica (tipos textuais) também constituem noções importantes no entendimento do gênero trazido pelas autoras.

Cavalcante (2012) põe à disposição a ideia de gêneros do discurso em perspectiva sócio-histórica e dialógica, vê que possuem padrões de funcionamento, especificidades quanto à forma, à função e transformação, regida pela necessidade de uso e objetivos comunicativos dos enunciadores que, através dos gêneros, pronunciam-se.

Essa atividade de pronunciamento sempre será demarcada histórica e culturalmente, transforma-se com o tempo e se adequando às peculiaridades do contexto em que se insere. Todo momento, estamos produzindo ou lidando com gêneros textuais: lista de compras, relatórios, trabalhos acadêmicos, bilhetes, correspondências, declarações etc., “textos materializados em situações comunicativas recorrentes” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Os *memes* atendem à citação de Marcuschi (2008), na medida em que têm se tornado fenômenos de produção discursiva nas redes sociais, alinhados ao respectivo momento histórico em que são produzidos. Estão sujeitos a transformações, principalmente à hibridização de modalidades: “isso ocorre sempre que uma prática comunicativa se ancora em uma ou mais modalidades expressivas” (BRAGA, 2013, p. 137) devido a aspectos culturais e à aceitação em determinadas comunidades ou grupos sociais.

Um dos primeiros autores a trazer a ideia do *meme* de maneira consistente foi o biólogo evolutivo Richard Dawkins, em 1976, no livro *The selfish gene*. Propondo a redução de *mimeme* (do grego) para *meme*, em analogia a *gene*, Dawkins introduziu o conceito de *meme* enquanto unidade de memória replicadora capaz de transmitir informações de pessoa para pessoa a partir da imitação (ou cópia). Assim como os genes, para Dawkins, os *memes* também são unidades replicadoras, porém carregam

consigo porções de informações culturais que podem estar organizadas em diversos níveis. Nas palavras do autor,

Exemplos de memes são melodias, ideias, bordões, modas de roupa, maneiras de fazer potes ou construir arcos. Assim como os genes se propagam na piscina de genes pulando de corpo em corpo através de espermatozoides ou ovos, assim os memes se propagam na piscina de memes pulando de cérebro em cérebro através de um processo que, em sentido lato, pode ser chamado de imitação. (DAWKINS, p. 192, 2006, tradução nossa)<sup>4</sup>

Tais informações são veiculadas em alta velocidade em função das novas tecnologias e das redes sociais. Sendo assim, como o *meme* repercute no ambiente digital, buscamos alinhar os estudos da linguística de texto aos estudos que abordam o discurso multimodal, para embasar a averiguação desse gênero enquanto prática social e realização textual. Para isso, observamos com atenção os assuntos que tangem à multimodalidade, no sentido de buscar instruções para ampliar o conhecimento e para fornecer subsídios a uma compreensão efetiva dos processos de produção de compreensão de textos que circulam no mundo digital, e que são dotados de tanta dinamicidade.

Há de se admitir a facilidade que o meio digital proporciona à circulação e ao surgimento de novos gêneros textuais e usos da língua. Reconhecer que na realidade virtual existem ferramentas que propiciam a construção multimodal dos gêneros e a importância de estudar esses textos, enquanto práticas sociais e discursivas, significa dizer que é preciso ir além da sua materialidade linguística, isto é, identificar os aspectos multimodais para melhor compreender os sentidos do texto.

Ao observar algumas das manifestações textual/discursivas mais constantes do ambiente digital, temos o *meme*. Este é (1) elemento cultural que pode ser compartilhado rapidamente, *grosso modo* a informação *per se*, veiculada por meio da aprendizagem, o que é imitado (copiado), podendo constituir noções socialmente instituídas, como ideias, instruções, valores, comportamentos; e (2) é artefato cultural e textual do ambiente digital, isto é, elementos que, nas redes sociais, transportam

---

<sup>4</sup> Texto original: “Examples of memes are tunes, ideas, catch-phrases, clothes fashions, ways of making pots or of building arches. Just as genes propagate themselves in the gene pool by leaping from body to body via sperms or eggs, so memes propagate themselves in the meme pool by leaping from brain to brain via a process which, in the broad sense, can be called imitation.”

informações e carregam ideias, valores, emoções, argumentos, pontos de vista, configurando-se de maneira diferenciada e se consolidando como gênero textual.

O *meme*, isto é, essa informação *rapidamente* veiculada, não é exclusivo do ambiente virtual, não surgiu com a internet. Isso significa dizer que o *meme*, em si, não é exclusivo do *ciberespaço*. Em momentos diferentes da história, com seus respectivos meios de comunicação, uma informação, poderia se propagar de maneira mais intensa ou não. Retomando o raciocínio de Dawkins (2006), um *meme* pode constituir, por exemplo, bordões, ideias, modas de roupas, entre outros.

Sendo assim, o compartilhamento dessas informações é inerente aos meios de comunicação existentes no dado período histórico. Na verdade,

Ao contrário do que muitos pensam, os memes já existiam antes da era virtual. Embora esse fenômeno sempre tenha feito parte de nossa sociedade, autores como Limor Shifman argumentam que a internet exerceu um importante papel nos aspectos fundamentais dos memes. A política através do uso de imagens já é praticada há muitas décadas, porém não possuía uma nomenclatura definida. Tal prática era atribuída a diversos movimentos, como, por exemplo, intervenções sociais, manifestações, entre outros (sendo que os memes atuais também fazem uso dessas ações). O que temos visto ultimamente é, justamente, a ampliação da base de produtores desse conceito. (CHAGAS et. al., 2015, s/p).

Segundo Chagas et. al. (2015), embasados no texto de Shifman (2014), um desses casos é o meme “*Killroy was here*”. Uma das explicações do *Killroy* e defendida pelos autores é que ele foi criado e difundido durante o período da segunda guerra mundial, o que se sabe é que o desenho nos direciona a pessoa de um inspetor de navios, que, para marcar aqueles já inspecionados, deixava o seguinte desenho no local:

## **Texto 1**

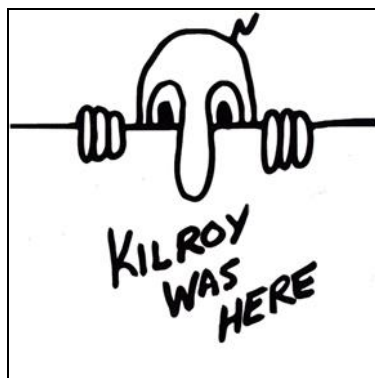


Figura 2: *Killroy was here*

Fonte: <http://www.museudememes.com.br/wp-content/uploads/2015/08/KroySquare.jpg>

Devido ao conflito, o texto teria se dispersado ao longo de vários países e regiões se tornando um conhecimento compartilhado. As pessoas tinham acesso e podiam se valer dele para a comunicação. Nos dias atuais, a diferença é que a representatividade dos memes da internet é mais intensa porque os recursos permitem propagação em larga escala. Conforme os organizadores do museu dos memes “o usuário passa a pertencer a um grupo onde é compreendido, ao mesmo tempo em que expressa sua individualidade” (CHAGAS, et. al. 2015, s/p).

Está claro que, com o aumento das novas tecnologias, naturalmente, surgem novas formas de interagir, criando não só novos gêneros textuais, mas também acelerando implacavelmente a comunicação, ampliando a atividade de interação em diversos níveis.

O meio digital permite além da rápida veiculação desses textos, sua plasticidade. Significa dizer que os *memes*, além de serem compartilhados através de redes várias, podem ser criados, modificados, recategorizados, proporcionando suas diferentes construções em estrutura e em conteúdo. Sob tal perspectiva, nesses textos, percebemos, na maioria das vezes, aspectos da multimodalidade.

O termo *meme* foi cunhado muito antes da era digital, mas é neste momento que ganha bastante difusão no discurso popular e ampla repercussão nos meios sociais digitais. De acordo com Shifman (2014), Dawkins (2006[1976]) apresenta três propriedades que são indispensáveis na propagação vitoriosa de um *meme*: fidelidade de cópia, fecundidade e longevidade. Com a internet, o compartilhamento das informações acontece de forma bem mais veloz que em outros meios de comunicação, assim as

informações têm um potencial de precisão maior, um número de propagação alto em curto período de tempo, também longevidade, propriedade que diz respeito à capacidade de armazenamento em lugares diversos.

Ainda assim, de acordo com Shifman (2014), a lógica de Dawkins é eficiente até certo ponto, já que a teoria do biólogo evolucionista não estava preparada para recursos e formas de comunicar com que lidamos na contemporaneidade, sendo assim, a autora defende:

[...] *o meme é o melhor conceito para encapsular alguns dos aspectos mais fundamentais da Internet no geral e dos chamados participativos ou cultura Web 2.0 em particular. Três principais atributos atribuídos a memes são particularmente relevantes para a análise da cultura digital contemporânea: (1) uma propagação gradual de indivíduos para a sociedade, (2) reprodução via cópia e imitação e (3) difusão através de competição e seleção.* (SHIFMAN, 2014, p. 18, grifos do autor – tradução nossa).<sup>5</sup>

Deste modo, os *memes* devem ser entendidos não mais como unidades de memória – como escreveu Dawkins em 1976 – no entanto, como elementos culturais propagados através das pessoas gradualmente, através da atividade social de compartilhamento de informações. As ferramentas de comunicação encontradas na internet, as redes sociais, portanto favorecem o alto compartilhamento de informações em pouca quantidade de tempo, isto é, dos *memes*.

Com relação à rede social *Facebook*, por exemplo, a autora cita uma situação corriqueira: quando o internauta posta em sua página um vídeo, uma imagem, um *meme*, existe a atividade de compartilhamento dessa informação e posicionamento diante dela, provavelmente algo que é apreciado pela pessoa que faz uso desses recursos. Além disso, naquela comunidade virtual, existem instrumentos que permitem uma interação, outras pessoas que participam dos mesmos ambientes podem oferecer um *feedback* comentando, curtindo, compartilhando aquela mesma informação.

---

<sup>5</sup> Texto original: [...] *the meme is the best concept to encapsulate some of the most fundamental aspects of the Internet in general, and of the so-called participatory or Web 2.0 culture in particular. The remain attributes ascribed to memes are particularly relevant to the analysis of contemporary digital culture: (1) a gradual propagation from individuals to society, (2) reproduction via copying and imitation, and (3) diffusion through competition and selection.*

Realidade de sujeitos que partilham dessa esfera do conhecimento humano, a esfera digital.

Isso quer dizer quer “em uma era marcada pelo ‘individualismo de rede’, as pessoas usam memes para expressar simultaneamente tanto sua singularidade e sua conectividade” (SHIFMAN, 2014, p. 30). A pesquisadora apresenta duas ferramentas, por meio das quais ocorre a “reembalagem” do *meme* (poderíamos dizer retextualização), mais comuns na internet e as chama de mimetismo e remix.

A diferença básica entre esses dois processos é que um envolve a recriação do texto original por outras pessoas, objetos ou meios (imitação de fato) e o remix (ou remixagem) que consiste na edição, no acréscimo de informação ao texto original. Esses dois fenômenos acontecem bastante, no que diz respeito aos conteúdos propagados na web, e, dependendo da aceitação ou não de determinado texto, ele pode ser menos ou mais difundido na rede, causando um maior impacto de imitação ou remixagem por parte dos internautas e das várias intenções comunicativas.

Shifman (2014), para explicar esses processos apresenta o que aconteceu com o *meme* “*Charlie bit myfinger*” - bastante difundido no ano de 2007 em vídeo no youtube - por etapas, primeiro mostra uma cena do vídeo original, uma imagem imitada e uma remixada:

## Texto 2



Figura 3 Original

Fonte: SHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. MIT Press, 2014. p. 21.

### Texto 3



Figura 4 Imitada

Fonte: SHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. MIT Press, 2014. p. 21.

### Texto 4



Figura 5 Remixado

Fonte: SHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. MIT Press, 2014. p. 21.

No texto original, texto (2), estão duas crianças, aparentemente uma de idade menor do que a outra, e essa mais nova morde o dedo da criança maior (cuja inferência nos faz crer que é seu irmão). Seguindo para as duas outras imagens, podemos observar justamente essa distinção na retextualização dos materiais: em (3) dois homens adultos recriam a situação do texto (1), ou seja, a encenam, e em (4) acontece uma alteração, uma edição da imagem original, em que o rosto de outra pessoa, com aspectos, feições semelhantes, é colocado no lugar da criança mais velha.

Aqui, é importante entendermos que nesse processo de difusão, a partir de recriação do texto ou edição do original, os elementos que são acrescentados precisam ter um vínculo, uma semântica compatível, para que façam sentido, entende-se que não é o texto original, porém, enquanto retextualização mantêm um *link* com seus originais e precisam contemplar de alguma forma, o seu conteúdo inicial.

Como defendem Koch, Bentes e Cavalcante (2008), a retextualização, atividade decorrente de recriação ou edição do texto primeiro, implica pequena alteração na força ilocucionária. O que se deve ao fenômeno da intertextualidade, teoria de base bakhtiniana se revela no campo de estudos da literatura, sendo a estudiosa Julia Kristeva responsável pela sua introdução e organização.

De acordo com as autoras, além de o conceito de intertextualidade estar ancorado no dialogismo bakhtiniano, afirmam que a presença de um intertexto pode ocorrer em textos que já foram escritos ou naqueles que ainda virão a ser. Quer dizer que os textos não se criam do nada, no entanto sofrem constantes transformações, algumas se somam, outras se perdem e a construção e sentidos sempre está se renovando.

Quando nos remetemos teoricamente à intertextualidade, devemos ter em mente que esta pode ser considerada em sentido amplo, *lato sensu* ou *stricto sensu*. Assim sendo, aquela pode ser considerada:

- (a) temática
- (b) estilística
- (c) explícita
- (d) implícita.



No que diz respeito aos memes, a intertextualidade estilística parece estar bem alinhada com seu funcionamento uma vez que nela “(...) o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas (...)” (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008, p. 19).

Ao ser replicado, imitado ou parodiado, no momento em que ganha repercussão, o meme se consolida na memória social do grupo que o reconhece e que dele faz uso como prática social e discursiva, ainda que aqueles que o reconheçam e dele façam uso não tenham noção da complexidade desse processo.

Outro tipo de intertextualidade que parece reger eficientemente os memes é o chamado *détournement*, um tipo de intertextualidade implícita, mais densa. Opera nos memes digitais através do caráter lúdico, referenciando à possibilidade de brincar com os sons das palavras, suas semelhanças. Especificamente, “o objetivo é levar o interlocutor a ativar o enunciado original, para argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações, ou orientá-lo para outro sentido, diferente do sentido original” (idem, 2008, p. 45).

No caso da retextualização, e ainda em consonância com Koch, Bentes e Cavalcante (2008), algumas ferramentas são fundamentais para realizar alterações nos textos originais, tais quais (a) substituição (de fonemas ou palavras); (b) acréscimo (de formulação adversativa, por inversão da polaridade afirmação/negação e outros); (c) supressão e (d) transposição.

Tais mecanismos de replicação ocorrem nos memes (remixagem ou imitação), porém não se restringem a alterações nos elementos de ordem linguística, uma vez que buscamos, neste trabalho, reconhecer a importância dos aspectos multimodais, as alterações também vão ocorrer na diversidade de uso dos recursos semióticos pois no meme podem estar presentes semioses diversas (cores, símbolos, fonte, sons etc).

O *détournement* apresenta valor argumentativo, que, em decorrência dos mecanismos de alteração anteriormente mencionados, vai se apresentar em maior ou menor grau a serviço dos mais diversos propósitos enunciativos. O contexto, aliado a essas questões complementa definitivamente a orientação argumentativa nesses textos. Longe de corresponder apenas a uma categoria teórica, a intertextualidade é um dos fenômenos responsáveis pelo direcionamento nas atividades de produção e recepção de sentidos nos textos.

Para estar apto a perceber esse fenômeno, o leitor não deve reconhecer apenas o gênero a que se refere, mas também os conhecimentos que foram mobilizados naquele texto, individuais ou coletivos, enciclopédicos ou interacionais (CAVALCANTE, 2012). Isto é, “ao compreender, a pessoa estará focalizando sua atenção em propriedades específicas da situação, as quais devem ser relevantes para a interpretação correta tanto do significado/referente quanto das intenções/objetivos pragmáticos” (VAN DIJK, 2010, p. 81).

Além da intertextualidade, no discorrer sobre os memes digitais enquanto gêneros, práticas sociais discursivas e de significativa difusão no meio digital contemporâneo, é importante refletirmos sobre a definição de cultura e algumas implicações que esse termo nos traz.

Os estudos culturais constituem movimento teórico-político que propõe uma mudança de paradigmas em âmbitos diversos em função “das alterações dos valores tradicionais da classe operária na Inglaterra pós-guerra.” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 88). Iniciados oficialmente com a inauguração do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), a intenção era buscar entendimento sobre os aspectos que delineavam a sociedade e cultura contemporâneos, também era de seu interesse aspectos que envolviam a cultura popular.

Ao final dos anos 50, três nomes se consagraram no surgimento dos estudos culturais: Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson, abordando questões culturais de épocas anteriores, o histórico do conceito de cultura e aspectos culturais da sociedade inglesa (ESCOSTEGUY, 1998).

Ampliar os olhares para o conceito de cultura e, por conseguinte, assuntos que não eram considerados até então permitiu a atuação de estudos em áreas que surgiram a ganharam espaço graças aos estudos culturais, consolidando sua importância e compromisso com as mudanças e movimentos sociais.

Raymond Williams (1992) versa sobre os caminhos do termo “cultura” e traz que, dependendo dos processos sociais, de um caráter de referência mais global ou mais parcial, pode-se considerar algumas concepções: “modo de vida global”, “sistema de significações”, “atividades artísticas e intelectuais”, “práticas significativas”. Ou seja, para definir um conceito de cultura é preciso considerar a distância do sujeito que se

observa e os aspectos sociais em que ele está envolvido, seus comportamentos, sua história, seus costumes e crenças.

Avaliar esses elementos culturais que podem condicionar a produção do *meme* digital (assim como de quaisquer gêneros discursivos), é assumir uma perspectiva multidisciplinar, no sentido da investigação e do contato através de outras esferas de conhecimento e pela procura do entendimento dos aspectos sociais que envolvem essa produção de efeitos de sentidos, afinal “Os estudos culturais caracterizam-se por sua dimensão multidisciplinar, a quebra das fronteiras tradicionalmente estabelecidas nos departamentos e universidades” (ORTIZ, 2004, p. 121).

Consideramos pois, o nosso trabalho de caráter investigativo qualitativo e multidisciplinar, atentando-nos a assuntos que não eram (tão) considerados até então, os memes, principalmente pelo fato de que os *corpora* condizem a práticas textuais/discursivas populares e significativas as quais fazem parte do modo de vida global e contemporâneo. A seguir, explanaremos sobre os processos de referenciação, o surgimento da Linguística Textual e os objetos de discurso.

## **2 PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO**

Neste capítulo, apresentamos considerações teórico-metodológicas mais recentes alusivas aos estudos da referenciação na Linguística de Texto e, *a posteriori*, sucinta retrospectiva de sua história enquanto campo de estudos que foi não somente se ampliando e dialogando com outras ciências nos últimos vinte anos, como também teve seu objeto de investigação mais complexificado ao longo dos anos.

### **2.1 Texto e seus contextos: percorrendo caminhos**

Cavalcante e Custódio Filho (2010) vislumbram o alargamento dos limites do conceito de texto, e apontam direcionamentos relevantes para a Linguística de Texto (LT) na contemporaneidade. Assim, ao articular os pressupostos teórico-analíticos da LT ao processo de *semioses*, comprovam a necessidade de relacionar o estudo do texto não só à linguagem verbal, mas também a outras linguagens de natureza humana ou não.

Em *Revisitando o estatuto do texto*, esses autores defendem o paradigma sociocognitivista como dominante nos estudos que envolvem o texto nos dias atuais. Além disso, esclarecem através de retrospectivas teóricas, análises textuais, a atenção que merecem as estratégias textual-discursivas, sob uma perspectiva multimodal.

Contudo, nem sempre esta foi a maneira de enxergar o texto: sob uma perspectiva multimodal, refletindo a respeito do cotexto e, primordialmente, do contexto. O conceito de texto e suas abordagens passaram por muitas mudanças ao longo da difusão dos estudos linguísticos e de outras áreas que influenciaram o campo de estudos da LT. Como sinteticamente demonstra Koch (2009, p. XII), no esquema a seguir:

1. texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical);
2. texto como signo complexo (concepção de base semiótica);
3. texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (concepção de base semântica);
4. texto como ato de fala complexo (concepção de base pragmática);
5. texto como discurso “congelado”, como *produto* acabado de uma ação discursiva (concepção de base discursiva);
6. texto como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa);
7. texto como *processo* que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitivista);
8. texto como *lugar de interação* entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitivo-interacional).

Dado o direcionamento deste trabalho e seu caráter multidisciplinar, é possível vislumbrar um novo conceito de texto (9) que leve em consideração além dos lugares de interação, os sujeitos envolvidos e o contexto, as várias formas de linguagem que se realizam nas multissemyoses integradas a mecanismos linguísticos através de estratégias textual-discursivas consideradas na referenciação.

Então, tendo como referência o campo de estudos da Linguística, sua trajetória histórica desde o início aos tempos contemporâneos, percebe-se, gradativamente, o

alargamento dos conceitos de texto, principalmente, no que diz respeito aos *corpora* levados em consideração, isto é, as categorias analíticas, conforme as perspectivas teóricas adotadas, em diferentes práticas sociais; à mobilização de vários conhecimentos; à noção de coerência a partir de inferências; à abordagem sociodiscursiva na construção dos sentidos; à construção de objetos de discurso sob a perspectiva sociocognitiva e interacional; à construção argumentativa a partir de processos referenciais, entre outros, estendem-se à observação do que hoje entendemos como texto.

Mais especificamente, a LT surge na segunda metade da década de 1960, na Alemanha, e chega ao Brasil nos anos de 1980, em que o objetivo era o estudo dos mecanismos interfrásticos no texto. As gramáticas de texto vão, então, aos poucos, ganhando espaço em analogia às gramáticas de frase daquele primeiro momento. No decorrer dos anos, estudiosos de correntes linguísticas diferentes, tais quais Weinrich, Petöfi e Van Dijk (um dos pioneiros da LT) contribuíram bastante para os estudos do texto, inclusive no que diz respeito à consideração da perspectiva semântica na textualidade.

Num segundo momento, há o que se conhece por Virada Pragmática, em que o texto é considerado em função de seu contexto comunicativo-situacional. O texto deixa de ser visto como produto acabado e é levada em conta a sua função social comunicativa na sociedade. Alguns autores que se destacam nesse momento são Schmidt (1973), Heinemann (1982), Van Dijk (1980).

Além disso, ressaltamos que muitas das reflexões que culminaram nessas novas vertentes surgiram em outras áreas do conhecimento, como a Psicologia e Filosofia da linguagem. Destacamos também a teoria de Schmidt (1973), citada por Koch (2009), sociologicamente ampliada, muito pontual, uma vez que, para ela, “a textualidade é o modo de toda e qualquer comunicação, transmitida por sinais, inclusive os linguísticos.” (KOCH, 2009, p. 16). Elementos de ordem textual passam, então, a construir sentidos no ato da comunicação. Isto é, na sua função ilocutória, fatores como intenção comunicativa, conhecimento de mundo, valores sociais são indispensáveis para o estudo do texto e o estabelecimento da coerência textual.

Ao terceiro momento, por volta da década de 1980, acontece a chamada Virada Cognitivista, acrescenta-se às reflexões trazidas à tona com a Virada Pragmática que

toda a ação é resultado de processos de ordem cognitiva, configurando o uso do conhecimento acumulado individual ou coletivamente, este representado pela memória e pela escolha de signos na concretização do texto. Para Beaugrande e Dressler (1981), citados por Koch (2009, p. 22), “o texto é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas”.

Os pesquisadores desse momento, conseqüentemente, investiram em estudos direcionados a questões como os conhecimentos adquiridos e sua influência na produção e compreensão textual. Heinemann & Viehweger (1991), mencionados por Koch (2009), mostram os quatro grandes sistemas do conhecimento: o linguístico, o enciclopédico, o interacional e o referente a modelos textuais globais. A partir desses conhecimentos, o processo da inferência (Dijk, 2010) passa a ser necessário à interpretação de textos, no exercício de preencher possíveis lacunas.

Ao refletir sobre os conhecimentos citados, alguns desses estão imbricados a questões sociais, visto que o ato de realização textual ocorre sociointeracionalmente e também motivado por operações cognitivas. Daí ser possível dizer que o processamento textual é estratégico. Os interlocutores operam, realizando *cálculos mentais* a partir dos conhecimentos a que têm acesso, e a coerência se dá pela realização de inferências (Koch, 2009).

Com a Virada Cognitiva, torna-se claro o papel do interlocutor na realização do texto, seus conhecimentos de mundo, o papel da memória, seus valores sociais e culturais, tanto na atividade de produção como na de compreensão textual, e isso porque o fazer linguístico não é individual, na medida em que se pressupõe a existência do outro e de um objetivo a ser realizado. No interior dessa nova fase, de forma crescente, o diálogo sobre os fenômenos antes mencionados se destacava entre pesquisadores, o que contribuiria para o alargamento dos estudos em linguística do texto. Passou-se, então, a postular que um texto se constrói em dada situação de interação, envolvendo fatores de ordem linguística, social, cultural, cognitiva, interacional.

Para Van Dijk (2004), um dos pioneiros da introdução de questões cognitivas no estudo da compreensão e funcionamento de textos, os sentidos não se estabelecem sem se levarem em conta aspectos interacionais, entre outros fatores como desejos, atitudes, preferências, crenças, normas e valores dos interlocutores. Essa visão se mostrava necessária para explicar tanto fenômenos cognitivos quanto culturais. Nessa tentativa de

mudança de rumo, passa a ser bastante questionada a relação entre fenômenos mentais e sociais. Dentro dessa perspectiva sociocognitivo-interacional da linguagem, amplia-se a concepção de contexto.

Se, inicialmente, quando das análises transfrásticas, o contexto era visto apenas como cotexto (segmentos textuais precedentes e subsequentes ao fenômeno em estudo) tendo, quando da introdução da pragmática, passado a abranger primeiramente a situação comunicativa e, posteriormente, o entorno sócio-histórico-cultural, representado na memória por meio de modelos cognitivos, ele passa a construir agora a própria interação e seus sujeitos: o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação (KOCH, 2009, p. 32).

Diante dessa breve exposição do percurso da Linguística de Texto, que tem adotado o pressuposto de que o processamento do texto acontece *on-line*, depreende-se como o conceito de texto se expandiu, passando a considerar fatores importantes no que diz respeito à sua produção e compreensão no mundo, tendo o texto como um processo *continuum* de construção de sentidos.

Para Marcuschi (2008, p. 7), o texto pode ser visto como um tecido bem estruturado; como uma entidade de significação e, ainda, como um artefato sócio-histórico. Em consonância com o autor, afirmarmos que o texto é uma elaboração e/ou reelaboração do mundo e “não uma simples refração ou reflexo”. Como Bakhtin dizia da linguagem que ela *‘refrata’* o mundo e não reflete, também podemos afirmar do texto que ele *refrata* o mundo na medida em que o reordena e reconstrói.

Assim, as considerações não só sobre os conceitos de texto, mas também suas abordagens foram se ampliando, confirmando a importância de outras formas de enxergá-lo, buscando compreender o processo sociocomunicativo nas suas diversas linguagens configuradas, e como os sujeitos fazem uso dessas linguagens em realidades distintas.

Ao entender que o texto é um artefato de natureza dinâmica, complexa, os memes rogam um olhar perspicaz, transdisciplinar, o que indica tentativas bastante profícuas, no que diz respeito aos pressupostos da LT, tendo em vista que essa área de estudos constantemente dialoga com outras áreas do conhecimento, colocando em prática este fenômeno tão valioso no entendimento dos sentidos: a interação.

No momento de interatividade, vêm à tona valores, memórias, conhecimentos de mundo, emoções, sentimentos, medos, intenções, percepções, isto é, informações de

domínio cognitivo e social dos sujeitos envolvidos na comunicação. Para Koch e Cunha-Lima (2005, p. 282), em eventos sociocomunicativos, “os interactantes tomam como base para suas decisões um conjunto de conhecimentos e experiências comuns que balizam esse ato: é a base (*background*) compartilhada pelos falantes”. Segundo a concepção dessas autoras, tudo o que os falantes dizem durante o processo de interação e os elementos do contexto podem ser considerados como conhecimento compartilhado.

Portanto, construir o sentido de textos depende sempre de os interactantes partilharem conhecimentos. Conforme Charaudeau (2008), durante o processamento da linguagem, na produção e compreensão de sentidos, esse processo está sujeito “aos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem”, que envolvem questões tanto implícitas quanto explícitas na linguagem. No item seguinte, nosso texto aborda questões acerca do texto e do contexto no processo de construção de sentidos.

## **2.2 Texto e Contexto: construindo sentidos**

Nos últimos anos (CAVALCANTE, 2015; CAVALCANTE e CUSTÓDIO FILHO 2010), o campo de estudo das letras vem se debruçando sobre a construção de sentido dos textos e sobre a realidade de essa construção responder a constituições modais diferenciadas. No que diz respeito à linguística, muitos são os estudos que recentemente têm tido a preocupação de perceber o texto através de um prisma sociocognitivo-interacional, reconhecendo-o transversalmente nos seus aspectos textual-discursivos.

O estudo que antes se detinha a análises transfrásticas e aos elementos escritos perceptíveis nas páginas transpõe esse reducionismo de análise e começa a perceber fenômenos mais complexos na construção dos sentidos do texto, como os fatores de textualidade, a construção da coerência, os aspectos pragmáticos, os fatores cognitivos, as condições de produção e a materialidade textual.

Essa nova percepção que indica a compreensão dos sentidos do texto, tanto em aspectos cotextuais quanto em contextuais, assinala a transferência do termo referência por referenciação, processo este em permanente reelaboração. Sob tal perspectiva, a referência passa a não ser mais vista como uma questão estritamente linguística, mas como algo inerente a processos da cognição e a aspectos socioculturais da linguagem.



Assim, a concepção de referenciação vem substituindo a de *referência* por remeter à noção de processo; os *objetos de discurso* são analisados, tendo em vista a coconstrução de sentido, por serem “objetos constitutivamente discursivos” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Dessa forma, entendemos que, embora opere cognitivamente, a referenciação é um fenômeno textual-discursivo de caráter processual, indicado por pistas linguísticas e contemplado por inferências que precisam ser feitas, a fim de que os sentidos sejam construídos (CAVALCANTE et. al., 2010). O processo de referenciação, portanto, não se restringe, somente, à remissão e à retomada de elementos linguísticos e/ou porções textuais presentes na superfície do texto (denominada de cotexto). Isto é, não se pensa, na perspectiva contemporânea, em retomada sem considerar os efeitos de sentido envolvidos nas escolhas dos falantes.

Considerando-se ainda a questão da referência, Mondada (2005) explicita que as práticas sociais multimodais também constituem esse fenômeno, além dos elementos linguísticos, as palavras estão imbricadas a ações não verbais, na materialidade do contexto e na manipulação de objetos. Para chegar a esse encadeamento lógico, essa autora realizou um estudo sobre a construção da referência em uma operação cirúrgica, situação em que ela assevera que esse fenômeno também é gestual.

As possibilidades de os sujeitos construírem sentido, num determinado momento da história através de ferramentas diversas – que não somente a língua –, indica-nos que as estratégias textual-discursivas podem estar sujeitas ao caráter multimodal do texto.

Além de construir sentidos através de vários mecanismos de configuração, os sujeitos o fazem sob diversas condições de elaboração de sentidos, num dado momento histórico e sociocultural, para determinadas pessoas e em um determinado lugar. Isso significa que discurso e mundo são concepções sobre as quais não se podem estabelecer grandes distanciamentos, como esclarece Van Dijk (2010, p. 175).

Na última década, começamos a perceber que “compreender o discurso” está intimamente ligado com “compreender o mundo”. Entretanto, não temos ainda correlatos cognitivos a este “mundo” e, portanto, introduzimos a noção de modelo de situação. O objeto da compreensão, neste quadro, deixa de ser apenas a construção de uma representação semântica de uma sentença ou discurso, para se tornar

também a construção de modelos novos ou atualizados. Se podemos “imaginar” sobre o que um texto fala, ou seja, se podemos construir um modelo possível, então dizemos que alguém “entendeu” o discurso. Formulamos hipóteses sobre a estrutura dos modelos, bem como sobre seu gerenciamento estratégico.

O autor, ao mencionar a compreensão do discurso ligada à compreensão de mundo, vale-se de modelos na memória e do papel das representações na atividade de processamento do discurso. As estruturas de modelos cognitivos são gerenciadas por planejamentos estratégicos através de “passos interpretativos finalisticamente orientados” (DIJK, 2010, p. 169).

Essas noções diretamente ligadas ao estudo da memória também orientam uma noção cara ao entendimento de como operam os objetos de discurso, que é a ideia de contexto. Segundo Hanks (2008), não existe contexto que não seja contexto “de” ou contexto “para”. Isso significa dizer que ao levarmos em conta, no processo de produção de sentidos, as variáveis e/ou qualquer elemento influenciador daquele processo, estaremos considerando o contexto.

Na leitura, como esse processo não se dá apenas através do reconhecimento do material linguístico, o conceito elementar que suporta o estudo além daquele é o de contexto. Ao cotexto, superfície textual e de característica linguística, soma-se o contexto, integrando-se aos vários sentidos e conhecimentos compartilhados produzidos através de inferências, para além das palavras.

Koch e Elias (2011) versam de maneira bem didática sobre o(s) contexto(s), (lembrando-nos da influência do período da virada pragmática), no que diz respeito ao olhar que se estendeu do cotexto (entorno verbal) à situação de comunicação social da atividade humana, uma vez que, para a Pragmática, é indispensável estudar a língua no momento da interação, descobrir seus propósitos comunicativos. As autoras propõem alguns tipos de contexto: o mediato, o imediato, o sociocognitivo.

Entendemos, então, que o contexto significa todo e qualquer elemento que exerça sobre as formas de uso da linguagem, de comunicação, força capaz de promover alterações ou modificações no entendimento de um texto. Fatores linguísticos, sociais, históricos, cognitivos, interacionais, culturais influenciam diretamente no contexto e no processo de entendimento textual.

Dionísio e Vasconcelos (2013), por exemplo, apresentam uma análise de fotografia, demonstrando semelhanças no funcionamento entre textos verbais e não verbais por meio dos papéis: os processos, os participantes e as circunstâncias. Nesse cálculo cognitivo, na atividade de processar o texto inteiramente imagético, não verbal, o sujeito mobiliza esses papéis a fim de interpretar as informações acessadas, completando-as e as contextualizando.

A seguir, discorreremos sobre os objetos de discurso (ou referentes), com o propósito de mostrar como eles são multifuncionais, visto que atendem a funções diversas, a fim de colaborar com a construção de sentidos.

### 2.3 Objetos de discurso

Diante do que foi dito até aqui, apreende-se então que a elaboração de objetos de discurso deixa de se limitar às retomadas ou às recategorizações linguísticas localizadas no cotexto (na superfície textual) para ser regida pelas condições de produção do texto/discurso na interação. A noção de referente também se transforma com a propagação dos estudos do texto, avançando do plano transfrástico para as relações de negociação entre os interlocutores e a consequente reelaboração da realidade, o que é norteado pelos conhecimentos dos enunciadores.

Nesta pesquisa, adotamos a concepção de que *objetos de discurso* “são representações semióticas instáveis (constantemente reformuláveis), e não entidades da realidade preexistentes à interação” (CAVALCANTE et. al., 2010, p. 233), em consonância com Mondada e Dubois (2003), Apothélos (2003), Koch (2009) e outros preferem denominá-los de *objetos de discurso*. Para Mondada (2001, p. 9), são

entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele (o discurso) e que não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva. Dito de outra forma, o objeto de discurso não remete a uma verbalização de um objeto autônomo e externo às práticas linguageiras; ele não é um referente que teria sido codificado linguisticamente (MONDADA, 2001, p. 9).

A ação de referir se caracteriza pela criação de realidades distintas, pois, ainda que haja o mesmo objeto de discurso que emerge e é elaborado progressivamente na dinâmica discursiva, textos são construídos para fins de interação diferentes, isso pode ser ou não determinado por meio de uma expressão referencial, de modo que (a) nem sempre esta aparece textualmente expressa no cotexto; (b) ser uma negociação entre os interlocutores, afinal, não existe texto isolado (ADAM, 2011), dependendo de como cada um compreende as ações textuais e como as assimila em relação a seu conhecimento de mundo e, por fim, (c) é preciso que haja, no entendimento de uma realidade textual, a interação.

Isto quer dizer que, além dos aspectos linguísticos do texto, há o conhecimento de mundo. Ao se processar um texto, é necessário recorrer ao conhecimento prévio, à memória e estabelecer conexões compatíveis com o que se quer dizer ou ainda com o que se busca compreender. O processo de construção dos objetos de discurso é, portanto, um fenômeno de referenciação, sob uma abordagem sociocognitiva e interacional. A definição, por conseguinte, é reconfigurada:

o processo de referenciação pode ser entendido como o de um conjunto de operações dinâmicas, *sociocognitivamente motivadas*, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de *elaborar as experiências vividas e percebidas*, a partir da *construção compartilhada* dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentidos (CAVALCANTE, 2012, p. 113 – grifos da autora).

O produtor de texto utiliza estratégias de referenciação, tencionando atingir determinado propósito discursivo, o que irá depender da situação sociocomunicativa. No texto, por exemplo, a fim de não repetir as mesmas expressões, recorremos a outros recursos linguísticos, utilizando outros itens lexicais para manter a linearidade semântica no texto, quer dizer, a atividade da referenciação concerne à atividade de construção de referentes dentro do texto (CAVALCANTE, 2012).

Assim, a partir dessa explanação, e para compreender melhor a construção dos sentidos, é indispensável analisarmos mais atentamente o fenômeno da referenciação, envolvendo o objeto de discurso, as expressões referenciais e suas funções na construção e reconstrução dos sentidos; desempenhando papel importante na orientação argumentativa do texto. Com base nisso, partimos do pressuposto de que os processos

referenciais são reveladores de pontos de vista, por meio dos quais, os sujeitos dão sentido às suas experiências e se afirmam no interior das práticas sociodiscursivas.

No que diz respeito à referenciação, *a priori*, saiba ou não, o produtor de texto/discurso ou enunciador utiliza estratégias referenciais, planejando atingir determinado propósito discursivo. A organização desse propósito enunciativo irá depender da situação comunicativa. Observamos, na tirinha abaixo, texto (5), um texto constituído de elementos linguísticos e não linguísticos, um diálogo entre os personagens Calvin e Haroldo, quando Calvin inicia o diálogo introduzindo um *objeto de discurso* representado pela expressão referencial nominal “uma garota nova”.

Esse objeto de discurso, na tira comentada, mostra-se como tópico central da tirinha e é necessário que volte a se falar dele mais adiante, ou seja, será retomado na forma de sintagma nominal (CAVALCANTE, 2012). Novas ações de referir aparecerão no texto, aludindo a “uma garota nova” nas formas dos pronomes “dela”, “ela” e “dela” novamente. Desse modo, para, construir um texto, ainda que pequeno, é necessário, às vezes, para manter a coerência textual, lançar mão de recursos linguísticos que vão manifestar esses objetos de discurso sempre que necessário.

## Texto 5



Figura 6

Fonte: <http://i24.photobucket.com/albums/c49/rafaeluz3/calvinharodotira16.gif>

O processo de referenciação não se limita ao aspecto formal do texto, para evitar repetições, por exemplo. Mas, opera, cognitivamente, no sentido de manter a ativação da memória do leitor quanto ao tema em desenvolvimento. No item a seguir,

apresentamos os processos de referenciação com respectivos modelos para demonstração de seu funcionamento.

Há, *grosso modo*, três processos de referenciação: a introdução referencial, a anáfora e a dêixis. Esses processos estão explanados e são aqui considerados, essencialmente a partir da obra de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Essas categorias são apresentadas a seguir concomitantemente às suas funções no texto.

A introdução referencial é o fenômeno caracterizado pela instauração do objeto de discurso no texto, é quando o referente surge pela primeira vez durante o processo de compreensão do texto/discurso, esse objeto de discurso pode ainda reaparecer, retomado ou recategorizado em outros momentos do texto (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO E BRITO, 2014). Como podemos comprovar:

#### Texto 6



Figura 7

Fonte: [http://4.bp.blogspot.com/-TEWY6kktos/U5x-amt4VuI/AAAAAAAAACe8/3R6IGzTe5c4/s1600/941226\\_521754721221125\\_867506062\\_n.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-TEWY6kktos/U5x-amt4VuI/AAAAAAAAACe8/3R6IGzTe5c4/s1600/941226_521754721221125_867506062_n.jpg)

Na figura (7) temos novamente um texto constituído por elementos verbais e não verbais. Os personagens antropomorfizados do meme *Bode gaiato* são a mãe e o filho Junin. É interessante percebermos como a configuração dos objetos de discurso imbricada à elaboração de inferências provoca o riso, uma vez que, direciona-nos a aspectos a cultura popular nordestina.

Eis que nos atemos, também, ao contexto social e cultural: uma vez que na cultura popular nordestina se sabe que é comum associar o calçado virado para baixo à má sorte ou ao agouro aos pais, principalmente à mãe. Considerar esses fatores culturais e sociais tanto como condicionadores da produção, como da interpretação é crucial, pois os leitores que não estiverem integrados ou afins dessas informações não serão capazes de entender o texto levando em consideração esses elementos, desapercibendo-se, provavelmente, da sua intenção de provocar o riso, o humor.

Observamos a situação cuja mãe de *Junin* está passando mal e pede socorro ao filho, referentes como “Junin”, “samu” aparecem em primeira instância nesse texto, são expressões novas, surgem pela primeira vez no contexto (não havia sido apresentada ainda ao leitor). As informações seguintes podem estar relacionadas a elas ou não, e, ao longo do texto, podem acontecer retomadas e/ou ancoragens associadas a essas expressões, com outro elemento que aparece anteriormente no cotexto.

Ocorre, no entanto, na fala e resposta de *Junin* a anáfora: recurso importante para manter a progressão textual. A estratégia anafórica acontece quando outros recursos linguísticos são utilizados na retomada de um objeto de discurso. Neste caso, para continuar o diálogo o sintagma “mainha” é retomado logo em seguida como “sinhora”. As formas pronominais que no texto/discurso exercem a função de retomar um referente introduzido inicialmente constituem anáforas diretas ou correferenciais, desde que retomem o mesmo referente.

Atentamo-nos para outras ocorrências nesse meme, os personagens são objetos de discurso introduzidos não verbalmente, os elementos linguísticos não atendem à norma culta padrão da língua portuguesa, posto que um dos objetivos desse texto é não só provocar efeitos de humor, como também representar no texto os traços da oralidade da cultura a qual pretende reportar. Portanto, o processo de interpretação parte dos objetos de discurso, sejam eles elementos de constituição linguística ou não, seguindo para a compreensão do contexto e realização de inferências: a mãe de *Junin* apenas

melhorou depois que ele desvirou “a chinela”, novo referente introduzido verbal e não verbalmente.

Nas ocasiões em que as anáforas diretas ocorrem por meio de elementos linguísticos (repetição do item lexical “ela”), expressões nominais, podem se revelar a partir das seguintes estruturas: pronomes substantivos, sintagmas nominais diferentes, sintagmas nominais parcial ou totalmente repetidos, sintagmas adverbiais, consoante Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). As anáforas indiretas, por sua vez, não aludem ao mesmo objeto de discurso que pode vir recategorizado ou não. Além disso, não é preciso que a anáfora indireta esteja ancorada em uma expressão referencial propriamente dita, pois ela pode ancorar em alguma representação relacionada também com o contexto, esse processamento de informações é possível graças a realização de inferências.

Ressaltamos, neste momento, em função dos desdobramentos que vêm tendo o estudo do texto e os processos de referenciação na linguística textual que o objeto de discurso pode aparecer sob outra modalidade que não a verbal. Dizemos então que a produção e recepção de sentidos de um texto pode ocorrer mediante a modalidades distintas, não necessariamente aos elementos linguísticos, estruturas nominais. Sendo, então, o texto uma construção multifacetada para visualizar as possíveis interpretações ali situadas, enxergamos como necessário a percepção das modalidades envolvidas e a compreensão de sua função na construção daquele sentido.

Abaixo apresentamos outro texto, em tira de quadrinhos, para comentar mais apropriadamente sobre a construção de sentido de objetos de discursos identificados noutra modalidade.



## Texto 7



Figura 8  
Fonte: Acervo Pessoal.

Os personagens da tirinha, “Calvin” e “Haroldo”, aparecem como objetos de discurso introduzidos na modalidade não verbal, fitando, atentamente, um tronco de árvore cortada e a fisionomia dos dois amigos indica tristeza. Esta, somada ao texto linguístico, indica o descontentamento com relação ao tema desmatamento e a não preservação da natureza. Essa interpretação decorre da percepção das semioses integradas, uma vez que, se existe mesmo vida inteligente fora do planeta, segundo “Calvin”, não há motivo para comunicação, devido ao fato de não cuidarmos do nosso planeta. Ele, enquanto morador deste planeta, inclui-se no contexto mencionado através da forma pronominal “conosco”, não obstante se entristece com a situação, inferindo que não somos tão inteligentes ou atrativos assim.

O objeto de discurso “tronco de árvore”, como entidade não linguística construída ao longo da interação, a partir dos processos de ativação e reativação de referentes, em um dado texto, pode ser interpretada inferencialmente sem que lhe corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto. Tem-se, assim, uma estratégia de ativação de referente novo que se realiza por meio da entidade não linguística. Tal objeto de discurso, ao mesmo tempo em que revela o ponto de vista do enunciador sobre o texto produzido, alarga ainda mais as possibilidades de diálogo do

qual o enunciador precisa participar, de forma interativa. Isso, dentro de outras situações, significa deslocar o olhar das entidades da língua para a análise dos processos pelos quais se constituem.

Esse objeto de discurso categorizado “tronco de árvore” pode ser apresentado como uma anáfora indireta de caráter não linguístico, na medida em que ancora no texto linguístico representando o descuido com a natureza e atestando que outras formas de vida no universo existem justamente por não fazerem contato com aqueles que moram neste planeta, “conosco”.

Vemos que, os processos referenciais, portanto, podem ser regidos por outras formas de linguagem, apelando não só para os conhecimentos de mundo e experiências de vida do leitor, como também requerendo habilidades de leitura que não se restringem à interpretação do texto linguístico. Para ratificar tal raciocínio, basta tentarmos entender o texto (7), (figura 8) visualizando-o apenas com os elementos verbais ou os não verbais. O que não faria sentido, já que a construção de sentidos nesse texto acontece em virtude da complementaridade das modalidades linguísticas e imagéticas, ou seja, por meio da multimodalidade nele encontrada.

Verificamos que a introdução do objeto de discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003) pode se realizar no elemento não linguístico e também em outros mecanismos de linguagem: componentes não verbais. Como trazem Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 66) “nem o referente nem sua âncora precisam ser necessariamente expressos por mecanismos linguísticos”. Como, no texto 7, a anáfora indireta “o tronco de árvore” aparece sob mecanismos não linguísticos.

Outra categoria de anáforas são as encapsuladoras e “sua característica primordial é resumir porções contextuais” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 78). Elas surgem quando há informações no texto que não podem ser consideradas propriamente uma expressão referencial. Esse processo referencial promove um resumo de determinadas porções textuais, contribuindo, gradativamente, não só na construção do texto como na sua leitura e compreensão de sentidos.

O terceiro processo de referenciação a que nos referimos é a dêixis. Esse mecanismo não só pode introduzir referentes, como pode retomá-los, como acontece com as introduções e com as anáforas referenciais, uma vez que deve haver entre os

negociadores da interação, alguém que saiba, por exemplo, quem está falando, para quem, de onde e quando fala.

As expressões dêíticas têm a função de localizar o leitor em aspectos importantes, se não, definidores da compreensão de determinado conteúdo. Isso ocorre nos textos essencialmente verbais, como também nos multimodais, como em tirinhas, charges e quadrinhos, e nos não verbais, uma vez que, determinadas interpretações só podem ser realizadas sob identificação de aspectos pictóricos ou sonoros, por exemplo (CASTRO, 2016; CASTRO, CARDOSO, 2016). Em suma, estabelecem o vínculo entre as estruturas cotextuais e o evento enunciativo em questão.

Desde Benveniste (1989), em o *Aparelho Formal da Enunciação*, os aspectos dêíticos são apresentados apenas sob uma nomenclatura diferente, os chamados índices de pessoa e índices de ostensão. Quanto aos índices de pessoa, tem-se a relação *Eu-Tu* existente no momento da enunciação, o primeiro corresponde àquele que profere o enunciado, o segundo indica o alocutário, o que recebe a informação. Os índices de ostensão são elementos que envolvem o uso de gestos, de pronomes cujo sentido apenas se estabelece no momento da enunciação.

Esses índices, assim considerados por Benveniste, orientam os participantes *da e na* enunciação, uma vez que são responsáveis pela localização dos participantes sobre as pessoas, o momento e o lugar da enunciação, não têm sentido isolado do momento de produção. Dito isso, diante da contemporânea dimensão dos estudos do texto na LT, estão elencadas, atualmente, seis tipos de dêixis: pessoal, social, espacial, temporal, textual e de memória (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, BRITO, 2014).

A dêixis pessoal aparece quando existem expressões que indicam as pessoas no momento da interação, identificando o *eu* e o *tu* no ato da comunicação:

## Texto 8

**Eu** queria ver no escuro do mundo  
Aonde está o que **você** quer  
Pra **me** transformar no que **te** agrada  
No que **me** faça ver

Quais são as cores e as coisas pra **te** prender  
**Eu** tive um sonho ruim e acordei chorando

Por isso **eute** liguei

Será que **você** ainda pensa em **mim**?

Será que **você** ainda pensa?

(Cazuza. Quase um segundo).

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cazuza/87860/>.

Acesso em: 14 maio 2016).

As formas pronominais *eu, você, me, te, mim* correspondem, alternadamente, aos pronomes de primeira e segunda pessoa, representam os participantes da enunciação e evidenciam as pessoas da interação. A dêixis social designa um tipo de dêixis pessoal, porém se diferencia por uma questão de polidez, quando “nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam” (BECHARA, 2009, p. 165), as expressões são as formas substantivas de tratamento ou as formas pronominais de tratamento.

Durante a interação, a realização da dêixis social pode revelar (i) o grau de intimidade ou distanciamento entre os interlocutores; (ii) o grau de familiaridade; (iii) a contextualização formal ou informal de uma situação, tal qual um(a) adolescente pode conversar com seus amigos e chamá-los por “você”, “*brother*”; pode se valer de gírias e, ao se dirigir aos pais de seus amigos, por exemplo, valer-se de expressões como “senhor”, “senhora” dentre outras.

A dêixis espacial traz a definição para um lugar em relação a quem está enunciando:

## Texto 9

Hamlet: Olá, Horácio [*Entra Horácio.*]

Horácio: **Aqui**, estimado senhor, às suas ordens.

Hamlet: Horácio, você é o homem mais equilibrado com quem convivi em toda a minha vida.

(Shakespeare, William. Obras escolhidas. Trad. Beatriz Viégas-Faria e Millôr Fernandes – Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 564).

O termo de lugar “aqui” evidencia o local de que fala Horácio para Hamlet, mostrando a proximidade entre o produtor do enunciado e o interlocutor. Esse trecho é

bastante eficiente quanto à explanação de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) de que nem toda expressão adverbial de lugar vai exercer a função dêitica, “só o será se, para identificar o referente, for necessário ter o falante como ponto de origem.” (idem, 2014, p. 90).

Assim como os dêiticos espaciais são responsáveis por situar as informações em relação à fala do enunciador no espaço, os dêiticos temporais funcionam para estabelecer uma referência condicionada ao momento da enunciação, instituindo marcas temporais. De natureza semelhante à dêixis espacial, a temporal somente o será desde que seja uma referência de tempo em relação ao interlocutor. Desse modo, não basta que haja advérbios, locuções ou expressões designativas de tempo para estabelecer a dêixis temporal.

## Texto 10

**#MeuAmigoSecreto: nova campanha na internet denuncia o machismo do dia a dia**

[...]

HARUMI VISCONTI (TEXTO) E BRUNO FERRARI (EDIÇÃO)

25/11/2015 - 20h28 - Atualizado 25/11/2015 20h33

Depois da campanha #MeuPrimeiroAssédio ter ganhado força na internet, surgiu uma nova investida das mulheres nas redes: é a hashtag #MeuAmigoSecreto. Criada espontaneamente no Twitter, a frase repercutiu na linha do tempo dos brasileiros e **marca o Dia Internacional da Não Violência contra as Mulheres**, celebrado hoje (25). [...]

Fonte: Revista Época, 25 nov. 2015.

Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2015/11/meuamigosecreto-nova-campanha-na-internet-denuncia-o-machismo-nosso-de-cada-dia.html>.

Percebemos que a expressão “hoje (25)” localiza o leitor em relação ao tempo em que a matéria foi publicada, informação que vem explicitada com a data e publicação do texto em revista virtual, juntamente com o horário, possibilitando ao leitor referenciar o momento específico daquela publicação.

A dêixis textual, de acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), está intrinsecamente ligada ao cotexto. Ela é responsável por situar o leitor no tempo/espaço do texto propriamente dito, isto é, explícito. A exemplo disso, encontram-se expressões como “a seguir”, “neste tópico”, “no capítulo anterior”, dentre outras que assumem a

função de situar o leitor em seus respectivos momentos e lugares da situação comunicativa.

Outro aspecto interessante desse mecanismo dêitico, segundo os autores, é o fato de constituir um recurso híbrido, atuando ao mesmo tempo em função anafórica (pois realiza retomadas de porções textuais) e função dêitica, estabelecendo referência em dados momentos do texto em relação a outros momentos ou espaços.

Por último, a dêixis de memória representa um processo referencial intersubjetivo, diz respeito a conhecimentos compartilhados entre os enunciadores e aponta para um objeto de discurso aparentemente já conhecido pelos enunciadores, ainda que não esteja presente no contexto.

### Texto 11



Figura 9

Fonte: <http://www.tirinhasmemes.net/wp-content/uploads/2014/03/isso-e-hora-junio-tirinha-memes-net.jpg>. Acesso em: 24 nov. 2015.

No texto 11, o *meme* do Bode Gaiato representa um texto de configuração multimodal. No que tange aos elementos pictóricos, traz os personagens antropomorfizados, junto a alguns elementos da cultura popular nordestina (a mãe com

lenço na cabeça e chinelo na mão, por exemplo); no que diz respeito aos elementos linguísticos que integram o texto como um todo, observamos que a escrita constitui uma tentativa de representação da fala desses personagens associada ao cotidiano.

Contextualizando, o Bode Gaiato é aquele alegre, brincalhão, dado a travessuras, o caráter humorístico é logo identificado pela constituição dos elementos e por ativar na mente do leitor uma informação que não está especificamente citada no contexto, porém é intersubjetivamente compreendida: a situação de que ele apanhou antes de dormir. Noutros *memes* do Bode Gaiato aparecem situações que desembocam na mesma situação, de alguma forma ele contrariou a mãe o que resultou numa punição ao ir pra cama.

Os textos estão dispostos em dois momentos: a mãe o interroga sobre o motivo de ter chegado tarde e sua resposta não bem recebida, mais o momento em que ele próprio reconhece que apanhara por causa de seu comportamento “*e foi assim que eu fui dormir de couro quente*”, uma estratégia mal sucedida, por assim dizer, pois existe também a representação do choro.

Ao nos depararmos com o trecho “*e foi assim que eu fui dormir de couro quente*”, podemos visualizar várias situações que podem ter gerado tal situação, isso decorre do fato de o enunciado do *meme* solicitar sutilmente do leitor um compartilhamento de informações necessárias à compreensão do texto, sejam eles de natureza cultural, pessoal, interacional etc.

Por fim, algumas das funções argumentativas que essas expressões referenciais podem assumir no decorrer da tessitura textual, (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014) são:

- Marcação de efeito polifônico
- Articulação de (sub)tópicos
- Desambiguação de referentes
- Manutenção de uma informação em suspenso
- Criação de efeitos de humor
- Marcação de intersubjetividade

Como já visto, os textos podem estar configurados por imagens, por elementos linguísticos, em que estas duas modalidades confluem ou até mais modalidades.

Conforme Kress e Van Leeuwen (2001, p. 4), “nós vemos os textos multimodais como fazendo sentidos através de várias articulações.”, ou seja, são aqueles compostos por outras formas de linguagem (imagens, sons, vídeos, gestos etc.).

Apreendermos os sentidos do texto além da construção verbal condiz à perspectiva multidisciplinar, significa que nos dispusemos a entender o texto como ação social multiforme, que traz em cada aspecto específico, reflexos das relações humanas e das formas de enxergar o mundo, isto é averiguar como as pessoas usam a variedade de recursos semióticos para construir signos em contextos sociais concretos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001).

Os personagens Calvin e Haroldo, nos textos 5 e 7, por exemplo, constituem também objetos de discursos introduzidos pictoricamente e são retomados ao longo dos quadrinhos mostrando mudança de humor que é retratada pela expressão facial e movimento/ação. Nos textos 6 e 11, em que os personagens representados são Junin e sua mãe também existe a introdução referencial a partir de elementos não verbais.

Segundo Ramos (2012), o valor expressivo das letras também é um elemento que pode expor diferentes funções no texto, orientando a leitura, por exemplo, com relação a fenômenos próximos da fala, como no último quadrinho do texto 5 em que o destaque da letra, a utilização em maiúsculo mais a configuração do balão mostram que Calvin respondeu gritando.

No capítulo seguinte, apresentamos a metodologia, análise dos *corpora* e discussões.

### **3 UMA ANÁLISE REFERENCIAL DE TEXTOS MULTIMODAIS**

#### **3.1 Metodologia de Análise**

Como já mencionado na introdução, esta pesquisa tem caráter qualitativo, além de descritivo-comparatista, destacando as construções referenciais inclusive na configuração multimodal e comprovando a importância das multissemioses na construção dos sentidos do texto (através dos objetos de discurso) e não os reconhecendo apenas como peças auxiliaadoras de sentido.



Priorizamos a subjetividade dos *corpora* selecionados pelas suas especificidades enquanto práticas sociais discursivas do ambiente digital e funções de comunicação, observando como os interlocutores mobilizam os objetos de discurso, manifestados também através de recursos multimodais, a fim de atingir propósitos comunicativos. Essa análise se dá à luz do sociocognitivismo e/ou sob o viés contemporâneo dos estudos em Linguística Textual, na interface com a teoria da multimodalidade.

Desenvolvemos as análises a partir do escopo teórico da referenciação e buscando entender como esse fenômeno ocorre em textos multimodais, isto é, no *meme digital*. Selecionamos nove (09) memes que foram analisados em três momentos distintos, pois consideramos que apresentam funções comunicativas diferenciadas, além da constituição estrutural dos textos. Justificamos a escolha dos memes levando em consideração que os primeiros atuaram nas redes sociais no intuito da criação de feitos de humor e entretenimento, ao passo que os últimos memes operaram na função de discutir assuntos que necessitam ser problematizados, tais quais a violência contra mulher e os direitos das pessoas e comunidades LGBT. Assim, estes exerceram também papel fundamental no que alude aos fenômenos de ativismo digital na web.

Quanto às análises, não nos delimitamos em um processo de referenciação unicamente, quer dizer, a introdução referencial, as anáforas (diretas ou indiretas) ou a dêixis, entendemos como importante a percepção de como operam os *objetos de discurso*, em sentido amplo, e seus enunciados presentes nos textos multimodais, atentando-nos para suas possíveis funções.

Como já mencionado, fundamentamo-nos na concepção de texto da linguística textual (LT), em que este é evento comunicativo (MARCUSCHI, 2008) e lugar de interação social e que compreende perspectiva de base sociocognitivo-interacional (KOCH, 2009).

De acordo com Cavalcante (2012), o texto é unidade de sentido e mobiliza um propósito comunicativo por parte de quem o produz para o outro. É possível ainda, avaliar, em sentido amplo o caráter argumentativo do gênero meme, reforçando que essas manifestações textuais não atuam apenas como material de entretenimento, mas também como representações ideológicas e/ou até manifestações de críticas a diversos assuntos. Em consonância com o ponto de vista da autora, o texto é *um evento comunicativo* em que estão presentes fatores linguísticos cognitivos e sociais. Com isso,

para esta análise, é preciso levar em conta o contexto de produção de sentidos, o lugar de veiculação desses enunciados e configuração (multi)semiótica dos *memes* analisados.

Sendo assim, direcionamos nossa pesquisa, levando em consideração uma visão ampla e contínua do texto, na atualidade, estabelecendo análises de *memes* digitais retirados do Museu dos Memes (suporte de catalogação de vários memes), veiculados anteriormente no *Facebook* e/ou no *Twitter*, tendo como propósito de análise averiguar a construção de objetos de discurso nesse gênero, levando em consideração toda sua constituição semiótica. No desenvolvimento desta atividade, reforçamos que o estudo aqui não está restrito aos elementos linguísticos do texto, posto que é imprescindível enxergar os sentidos que podem surgir, envolvendo questões de multimodalidade.

Portanto, através dos elementos referenciais do texto, identificamos quais deles sobressaem na construção dos sentidos, estejam eles considerados na modalidade linguística ou não. Consideramos, também, algumas de suas funções desempenhadas como introdução referencial, anáforas, dêixis dentre outras. Então, é constatando o caráter multimodal dos textos e seu valor no processo de elaboração de sentidos durante a interação, que os objetos de discurso (linguísticos, imagéticos e outros) serão observados e avaliados de acordo com os papéis que podem desempenhar no processo de referenciação, na textualidade como um todo.

Os *memes* podem ser encontrados em redes sociais diversas. Para esta pesquisa, recorreremos também ao do Museu de *Memes*<sup>6</sup>, espaço virtual criado por um grupo de estudos da Universidade Federal Fluminense, cujo objetivo é, além de catalogar, estudar manifestações de cultura popular cibernética e desconstruir a imagem do *besteirol* ou *cultura inútil*. Objetivo que está alinhado, portanto a uma perspectiva multidisciplinar como propõem os estudos culturais.

O webmuseu possui quatro áreas principais de assuntos, estes são (a) acervo e coleções, espaço em que podemos encontrar os memes catalogados, além disso podemos realizar buscas através de filtros como (i) o criador ou a origem do meme pesquisado – indica a pessoa responsável pelo meme ou a rede social em que surgiu, (ii) a categoria em que ele se insere, (iii) o período em que foi mais recorrente e (iv) o país ou a região; (b) eventos organizados pelos responsáveis do espaço virtual, que são chamados de #memesclubes e ocorrem também na Universidade Federal Fluminense

---

<sup>6</sup><http://www.museudememes.com.br/>

(UFF); (c) referências de pesquisa disponíveis e, por fim, (d) artigos e entrevistas que envolvem os assuntos debatidos nesse espaço.

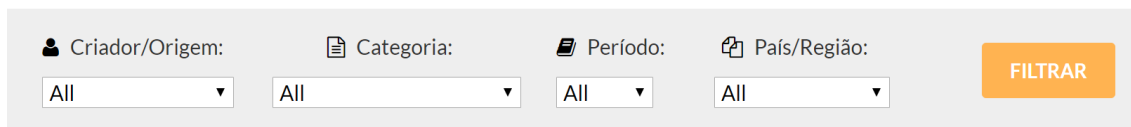


Figura 10: Campo de busca do acervo digital de memes no #MuseudeMemes

Fonte: <http://www.museudememes.com.br/>

Acesso: Junho de 2015

O grupo, responsável pelo primeiro acervo brasileiro digital de *memes*, reforça que estudar esse tipo de texto é compreender os hábitos e a cultura na contemporaneidade, pois é preciso reconhecê-lo enquanto produto da cultura popular que faz parte da nossa própria cultura e do cotidiano (CHAGAS et. al., 2011).

A pesquisa a esses replicadores digitais na academia ainda é pouco explorada. Carl Chen, da Universidade de Yale, elabora um estudo do *memelolcat* do *site4Chan* que concebe o *meme* como *contagioso*, carregado de humor, produto da cultura popular nas comunidades da internet, para ele,

embora o exemplo específico de um lolcat para estudo possa parecer um pouco estranho, o meme de Internet como artefato cultural de uma comunidade on-line realmente ajuda a iluminar como eles expressam valores e compartilhar interesses, que então leva para o fomento do juízo crítico na associação e mesmo criação de ação política (CHEN, 2012, p. 7, tradução nossa).

Além disso, Chen (2012) cita a importância da internet, mais precisamente o *site 4chan* enquanto esfera pública e espaço de democratização de conhecimento. Isso se deve ao fato de que, como já citamos, apesar de serem muitas vezes considerados estruturas superficiais, os *memes* podem também propagar conteúdos importantes, argumentando em favor de ideias – operando a favor de um ativismo digital - e, inclusive, debatendo assuntos políticos e/ou ideias diversas.

Lucena (2015) faz um estudo bem elaborado de como os memes têm sido estudados nos últimos anos no sentido de compreender como essas práticas comunicativas vêm se consolidando enquanto objeto de pesquisa na área da comunicação, ou seja, como têm acontecido as abordagens mais recorrentes sobre esses

eventos. Discordamos de um dos pontos de vista da autora em que admite que os memes seriam “problemas da comunicação” por se nutrirem da replicação de ideias e de valores sociais.

Reconhecemos, em consonância com Lima e Castro (2016), o *meme digital* como artefato da (ciber)cultura. Um gênero revelador não só de pontos de vista, como de valores sócio-históricos e culturais, para além do fato de que apresentam alto potencial encapsulador de informações. O que quer dizer que são capazes, nas suas diversas funções (criar efeitos de humor, defender uma ideologia etc.) de condensar grandes blocos de informações através dos objetos de discurso, uma vez que estes servem de ativadores e reativadores de memória, no sentido de fornecer pistas ao leitor a partir de inferências e alusão a contextos.

Acreditamos na grande contribuição de Lucena (2015), nessa investigação, quanto à identificação do direcionamento teórico e metodológico dos vinte e quatro (24) artigos listados na área de comunicação nos últimos anos com o objetivo de entender as possibilidades de estudo sobre o tema. São apresentados como caminhos de investigação dos *memes* (LUCENA, 2015, p. 10):

- (i) a realização de estudos de caso por meio da abordagem de um único meme e sua ocorrência e repercussão na internet.
- (ii) estudo comparativo através da seleção de vários tipos de memes em um espaço ou tipo de site da rede social específico, como memes em blogs ou em *scraps* (mensagens) no Orkut.
- (iii) a busca de um assunto específico a apontar sua reprodução no meio dos memes, trabalhos que focam na realização de uma análise do discurso.
- (iv) a perspectiva híbrida dedicada à problematização do conceito de meme e à criação de categorias para melhor compreendê-los.

Neste trabalho, desenvolvemos análises de caráter qualitativo, reconhecendo o valor da subjetividade nos textos, atendendo a uma perspectiva híbrida e transdisciplinar, em que buscamos a compreensão dos sentidos dos textos em macro e micro nível da linguagem, posto que partimos da (re)elaboração dos objetos de discurso, elementos de ordem material, às condições de produção e recepção dos textos

reivindicando os contextos atuantes naquele evento comunicativo. Seguem as análises e discussões.

### 3.2 Análise dos Corpora

Os *memes digitais* analisados foram escolhidos por apresentarem papéis diferenciados nas redes sociais, como o entretenimento, criação de efeitos de humor até a defesa clara de um ponto de vista pensado numa forma de ativismo digital. Também por demonstrarem processos de referenciação distintos, para além de tipos de intertextualidade mais aparentes que outros. Seguem nossas análises.

#### a. *Keep calm and carry on* e *Sossega o facho and não me aperreie*

Texto 12



Figura 11 – Fonte:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Keep\\_Calm\\_and\\_Carry\\_On](https://pt.wikipedia.org/wiki/Keep_Calm_and_Carry_On)  
Acesso: Junho 2015

Texto 13



Figura 12 – Fonte:  
<http://www.bombounowa.com/imagens/sossega-o-facho-and-nao-me-aperreie/>  
Acesso: Junho de 2015

O *meme* do texto (12), *Keep Calm and Carry On*<sup>7</sup>, foi cunhado durante o período da Segunda Grande Guerra (em 1939) na Inglaterra, resultado de uma campanha motivacional diante dos conflitos bélicos. A imagem foi redescoberta, anos depois, e viralizou (CHAGAS et. al., 2011). Não podemos dispensar a importância do objeto de discurso “coroa” na imagem, posto que a informação foi divulgada pelo governo inglês ao seu povo, que pode ser facilmente adaptado a outros contextos.

No texto (13), houve, consoante colocações de Shifman (2014) a remixagem, porque não só o elemento de ordem imagética (a coroa) foi substituído por outro (o chapéu do cangaceiro), quanto o processo de retextualização e o da intertextualidade acontecem no âmbito linguístico (sossega o facho *and* não me aperreie), apresentando recursos lexicais que identificam a comunidade específica a quem se refere: o nordestino e seu linguajar (“facho”, “aperreie”). Estendem-se também através da substituição da coroa do governo inglês pelo chapéu do cangaceiro, um objeto de discurso de composição não linguística representa fortemente a cultura nordestina, e a disposição gráfica dos elementos é mantida.

Observemos que a noção de “mantenha a calma e siga em frente” é de certa forma compatível com “sossega o facho *and* não me aperreie”, isso retoma o conceito de *meme* de Dawkins (2006), da unidade de memória que é passada adiante, como reforça, também, Blackmore (2000) sobre o processo de imitação. Assim se posiciona a pesquisadora,

Quando eu digo imitação eu quero incluir a transmissão de informação através da linguagem, da leitura e da instrução, assim como outras habilidades complexas e comportamentos. Imitação inclui qualquer tipo de cópia de ideias e comportamentos de uma pessoa para outra. *Então, quando você ouve uma história e passa a essência para outra pessoa, você copiou um meme.* O ponto importante é que a ênfase na imitação nos permite descartar todos os tipos de coisas que não podem ser passados adiante e, portanto, não podem ser contadas como *memes* (BLACKMORE, 2000, p. 43, tradução nossa, grifos nossos).

Assim sendo, entendemos que o objeto de discurso *coroa* foi introduzido por um sintagma visual e recategorizado na remixagem do *meme* correspondente ao texto (13) pelo chapéu do cangaceiro. O enunciado está, pois, ancorado no objeto de discurso

---

<sup>7</sup> (Tradução livre: “Mantenha a calma e siga em frente”).

representado no discurso multimodal, retomando o contexto do grupo ou comunidade a que se refere, o que confirmamos pela escolha dos itens lexicais, como resultado dessa mescla surge o efeito de humor e está assinalado um contexto de produção de sentidos específico.

**b. Willy Wonka Irônico**

**Texto 14**



Figura 13

Fonte: [http://www.museudememes.com.br/wpcontent/uploads/2015/06/wonkatumblr\\_inline\\_mqk8dn1ePH1qz4rgp.jpg](http://www.museudememes.com.br/wpcontent/uploads/2015/06/wonkatumblr_inline_mqk8dn1ePH1qz4rgp.jpg)

Acesso: Junho de 2015



## Texto 15



Figura 14

Fonte: [http://www.museudememes.com.br/wp-content/uploads/2015/06/wonkatumblr\\_inline\\_mqk8tdtf3S1qz4rgp.jpg](http://www.museudememes.com.br/wp-content/uploads/2015/06/wonkatumblr_inline_mqk8tdtf3S1qz4rgp.jpg)  
Acesso: Junho de 2015

O *Condescending Wonka* (textos 14 e 15) corresponde a uma imagem do personagem Willy Wonka, dono da Fantástica Fábrica de Chocolates, representado pelo ator Gene Wilder em 1971. O filme apresenta a jornada do dono da fábrica, Willy Wonka, em busca de uma criança para assumir o seu lugar. No início do filme, cinco crianças são sorteadas com bilhetes dourados e disputam o prêmio, desconhecido a elas, aos poucos, vão sendo descartadas por algum comportamento inadequado. Willy Wonka é um personagem excêntrico, caricaturado e bastante irônico, qualidade imprescindível na saga, pois é preciso para ele testar qualidades das crianças de formas variadas.

Baseado no personagem de Willy Wonka, surgiu o meme. Em consonância com Chagas et al (2011), entende-se este texto (*meme*) como interessante para ser estudado



devido ao seu conteúdo apresentar uma ironia que normalmente aponta para questões políticas de conscientização acerca da própria vida e de seus paradoxos.

Vale ressaltar o caráter excêntrico do personagem, uma vez que a construção do referencial linguístico está ancorada nele. Considerando que no material de origem – no caso, o filme – o personagem não tenha efetuado tais falas, é preciso que os enunciados sejam compatíveis com algo que ele *poderia* falar, pois, ainda que retextualizado, o *meme* deve estar coerente com suas versões anteriores.

Vemos então que o personagem é irônico<sup>8</sup> e sarcástico. Lembremos que, no filme, cinco crianças são sorteadas com bilhetes dourados para entrar na fábrica de chocolates e, na verdade, Willy Wonka está procurando por uma que possa ficar em seu lugar. Isso quer dizer que as crianças estão a todo tempo sendo testadas por ele, o que reforça seu caráter irônico e figura sarcástica.

No texto (14), figura (13), o enunciado “*então eu sou um meme?*” apresenta uma característica peculiar que é a da metatextualidade (HANKS, 2008). A pergunta retórica continua no seu lugar comum, pois nesse meme a sentença interrogativa sempre vem no topo do texto, porém, nesse texto é acrescido o fato de que o meme está dialogando com ele mesmo. Isso quer dizer que, ainda que não haja o enunciado irônico, a pergunta diz respeito ao próprio meme e à sua constituição.

No texto (15), a seguir, vamos ver uma versão replicada do *meme* Willy Wonka irônico. O padrão estrutural segue com uma pergunta e uma resposta irônica, tal qual o personagem que geralmente questiona em uma dada situação. Temos: *Então você é contra o capitalismo?* O elemento imagético, representação do sarcasmo através da expressão da personagem, está respaldado no segundo elemento, o linguístico: *Conte-me mais sobre isso enquanto comemos o big mac que você comprou.*

O enunciado “*Conte mais sobre isso [...]*” do texto (15) é o segundo objeto de discurso característico no *meme* do *Willy Wonka Irônico*, após a pergunta retórica. Essa expressão sugere que há alguma inadequação e funciona como se o personagem estivesse pedindo uma explicação, quando na verdade está ridicularizando o seu interlocutor.

---

<sup>8</sup> Ironia, segundo o dicionário HOUAISS é uma figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender ou ainda, principalmente no que concerne à literatura, diz respeito ao uso de contrastes com o objetivo de criar ou enfatizar efeitos de humor.

No texto acima, podemos destacar, do material linguístico, dois fragmentos que divergem claramente “[...] é contra o capitalismo?” e “[...] *comemos o big mac* que você comprou”, ou seja, como alguém pode ser contra o capitalismo e ter comprado para comer um sanduíche de uma grande rede *fast-food*?

O personagem está sempre questionando uma coerência que não existe, o processo de construção de sentidos ancora no personagem representado na imagem. Somado a isso, é possível identificarmos também a crítica à empresa, porque se sabe que o MC Donalds é uma das maiores redes de restaurantes *fast-food* do planeta, o que implica outras preocupações: como grande incentivo à alimentação não saudável, exploração de mão de obra barata e qualidade questionável de produtos utilizados na fabricação de alimentos. Processos resultantes da fabricação em larga escala, com o único objetivo de aumentar os lucros.

Contextualizado o enunciado, observamos que no segundo trecho *conte-me mais sobre isso enquanto comemos o big mac que você comprou*, o item lexical *isso* designa uma anáfora encapsuladora em relação aos elementos anteriores (i) a pergunta retórica de teor sarcástico e (ii) o objeto de discurso, o próprio Willy Wonka, introduzido referencialmente via sintagma visual. Comprovamos então que a construção referencial está ancorada tanto no contexto quanto nos elementos multimodais.

Na próxima análise de *memes*, examinaremos um texto composto por objetos de discurso pictóricos.

### **c. O arco-íris**

O *meme* a seguir distingue-se dos citados anteriormente, visto que não apresenta elemento linguístico, mas sim o arco-íris acima de uma foto. Em 26 de junho de 2015, os EUA declararam a legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo (CHAGAS et al, 2011). A respeito disso, vamos levar em consideração não só a representação desse arco-íris, mas também sua significação em alguns movimentos nas redes sociais. Já compreendemos que aos *memes* podem se integrar modalidades diversas, eles podem abordar assuntos diversos, dentre os quais assuntos considerados polêmicos, envolvendo questões sociais, políticas, entre outras. Nesse caso, o *meme* surgiu da seguinte forma:

O site criou, logo após a aprovação da lei, uma forma dos seus usuários manifestarem seu apoio através de um filtro com a cor de arco íris – cores que fazem parte da bandeira do movimento LGBT - adicionado às fotos de perfil e o próprio Mark Zuckerberg aderiu à moda, além de muitas outras celebridades (CHAGAS et al, 2011).

## Texto 16



Figura 15 – Mark Zuckerberg, fundador do facebook. *Fonte:* <http://www.museudememes.com.br/wp-content/uploads/2015/06/885x592-11667534-10102203860243201-2713296330820668368-n-20150626162410.jpg>. Acesso: Junho de 2015

Nesse texto (16) imagético, o *meme* foi então difundido na rede social *Facebook* principalmente com o intuito de possibilitar aos internautas uma forma de apoiar a causa – união civil entre pessoas do mesmo sexo – e rebater o discurso daqueles que são contra a legalização. Não se pretende aqui discutir a validade ou não desse recurso, o que é importante aqui é a função da imagem e sua significação. Observemos que uma primeira imagem foi divulgada com uma função textual (ser a favor de uma causa) e, consequentemente, *mimetizou-se* a partir do momento em que mais pessoas foram aderindo àquela modalidade rapidamente.

Fica claro que esse *meme* (Figura 15) não é constituído por elementos linguísticos, mas pelas cores da bandeira representadora do movimento LGBT; no entanto, há toda uma construção de sentidos por trás dessa imagem. O objeto de

discurso *bandeira LGBT* é mobilizada com fins de aderir a uma causa e, consequentemente, operar a favor de um ativismo digital (COELHO e COSTA, 2013).

Desde muito tempo e em vários lugares do mundo, conhecemos a luta das comunidades LGBT em busca de direitos igualitários. Essa luta se pauta na desconstrução de ideais antiquados e inadequados à condição de igualdade social, empenha-se na busca da liberdade para as pessoas e contrapõem-se aos comportamentos preconceituosos.

Logo, a partir do momento em que o internauta tem acesso à rede social específica e adere a essa informação e utiliza esse objeto de discurso no seu perfil é como se ele estivesse dizendo que é a favor da causa apresentada, integra-se àquele ativismo, e mais, posiciona-se contra o discurso daqueles que não a legitimam. Isso quer dizer que uma simples imagem – *meme*, mesmo sem elementos linguísticos, pode representar um ponto de vista bastante pertinente e que pode ser confirmado diante de outros movimentos nas redes sociais. O uso do *meme* indica que o internauta que acessa o *Facebook* legitima a causa representada pelo objeto de discurso não linguístico.

Nos três casos citados acima, tem-se *memes* que se configuram através de recursos não linguísticos e de elementos linguísticos e, no terceiro exemplo, um representado pelo uso de cores aludindo à bandeira. Cada um dos textos discutidos e analisados apresenta um padrão de funcionamento diferenciado, circulou livremente pelas redes sociais, apesar da possibilidade de terem sido mais frequente em alguns espaços virtuais do que outros (no terceiro caso, uso exclusivo do *Facebook* até então) e, ainda que se leve em consideração seu caráter cômico ou sarcástico.

Reconhecemos que essas sutis manifestações textuais também abordam temáticas importantes a serem discutidas, representando pontos de vista do sujeito no ciberespaço. Como afirmou Chen (2012) os memes não só constituem artefatos culturais que identificam comunidades específicas no meio digital, como também expressam as ideias, os valores, pontos de vista que caracterizam essas comunidades, podendo, inclusive resultar em ação política. No tópico seguinte, apresentamos a análise do meme correspondeu a um fenômeno de ativismo digital.

#### **d. #meuamigosecreto**

Em outubro de 2015, houve movimentação nas redes sociais com o objetivo de combater o machismo, uma primeira campanha chamada *#meuprimeiroassédio* teve como principal função dar voz a diversas internautas para denunciar situações de assédio ou algum tipo de violência que sofreram. As redes sociais *Twitter* e *Facebook* foram os principais espaços de manifestação e divulgação dessas informações.

Os enunciados analisados constituem textos que repercutiram numa segunda campanha, no final do mês, por volta de 23 de novembro de 2015, reforçando em seguida o dia Internacional da Não Violência contra à Mulher (25/11). A proposta que surgiu, *a priori*, no *Twitter*, ganhou forças entre internautas e também ocupou espaço noutros ambientes virtuais, como o *Facebook*, no intuito de deflagrar uma revolta e expor, principalmente, aquelas atitudes machistas que passam despercebidas e, na maioria das vezes, são consideradas naturais.

Ao observar alguns enunciados da campanha *#meuamigosecreto*, através da construção de seus referentes e os discursos que operam tanto a favor do movimento feminista, é possível, além de promover a igualdade de gêneros e melhores condições sociais, conscientizar as pessoas, inclusive, com fins educacionais, através do incentivo ao empoderamento feminino contra as situações que favorecem e propiciam o discurso/atitudes machistas e a violência contra a mulher.

Em uma leitura inicial dos enunciados apresentados, identificamos como expressão que primeiro salta aos olhos o *meme #meuamigosecreto*, expressão chave para a (re)elaboração desses enunciados, uma vez que já traz o objetivo da crítica e da denúncia dentro do enunciado, no sentido de expor o sujeito que comete as atitudes machistas ou é conivente com elas. A *hashtag* ou jogo da velha (#), como também é conhecida, é um sinal gráfico que, na escrita e publicação em algumas redes sociais se destaca em outra cor/fonte, o que acontece nos ambientes citados (*Facebook* e *Twitter*).

Afirmamos que esse arranjo tipográfico reforça o apontamento ao sujeito que é citado, mas não identificado nos enunciados que são produzidos durante a campanha. Vejamos que, nos quatro enunciados selecionados, o sujeito não identificado, porém exposto, surge representando uma figura social que atua em diversos ambientes, que também enuncia e que é generalizado, posto que opera em situações que são reais, não obstante banalizadas.

Tem-se, portanto, nos diversos textos, a expressão referencial e introduzida *#meuamigosecreto*, funcionando como objeto de discurso que significa um sujeito social que está sendo denunciado e, retomando, de maneira irônica, por assim dizer, a circunstância já conhecida em analogia com o “amigo oculto”, brincadeira convencional de fim de ano.

#### **Texto 17**

*#meuamigosecreto* acha que cantadas, assovios no meio da rua e olhares gulosos são elogios e não assédios.

#### **Texto 18**

O *#meuamigosecreto* fala que respeita as mulheres, mas não suporta ver uma na Presidência da República.

#### **Texto 19**

*#meuamigosecreto* acha mais conveniente ensinar a filha a tomar cuidado com os homens do que ensinar seu filho homem a respeitar as mulheres.

#### **Texto 20**

*#meuamigosecreto* diz que trai porque a carne é fraca, coisa de homem. Mas não aceita ser traído em hipótese alguma.

Os enunciados evidenciam os sujeitos que operam em atitudes e produção de discursos machistas, além da ironia, com bastante coerência, no que diz respeito às situações de desigualdades sociais. No texto (17), por exemplo, o enunciado combate uma situação típica que discute a questão do assédio contra as mulheres.

É interessante perceber que os objetos de discurso *cantadas, assovios e olhares gulosos* utilizados num mesmo enunciado se contrapõem ao referente *elogio*, denunciam

o sujeito que insiste em afirmar, por exemplo, que assediar as mulheres não só é normal, como elas têm de crer que a situação significa algo positivo, o que o enunciado em si, traz claramente como assédio.

Em (18) o *memes* e repete, isto é, em decorrência da contextualização social/virtual da campanha e repercussão no ciberespaço, a inferência construída é a de que virá por aí uma outra crítica que alude ao comportamento machista. O objeto de discurso *#meuamigosecreto* faz uma crítica incisiva ao sujeito que é incoerente no seu discurso e em sua atitude, pois o verbo no primeiro momento do enunciado é *fala*, conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, ou seja, ele “*fala que respeita*”, o que não indica que age de acordo com o que diz. O que é reforçado no segundo momento em que, o mesmo sujeito, incomoda-se com o fato de o cargo de presidência da república estar ocupado por uma mulher.

Esse enunciado, em especial, critica os vários sujeitos que se dizem respeitar às mulheres e não acreditam ou concordam que devam ocupar determinados cargos políticos, e até profissões. O enunciado (18), luta contra um *#amigosecreto* que legitima no seu texto e no seu discurso o machismo quando quer significar que mulheres não são competentes o suficiente para atuar em diversos ramos profissionais. Um contraponto possível aqui, é, por exemplo, observar a intertextualidade em enunciados populares e já enraizados como “isso não é coisa pra mulher”, “trabalho de homem”, dentre outros que funcionam reafirmando o discurso machista.

No enunciado de número (19), os objetos de discurso *filha/filho* se contrapõem a *homens/mulheres* com formação no plural, indicando, respectivamente, proximidade afetiva, parental e, posteriormente, uma generalização. Nessa construção textual, entretanto, apesar da posição de proximidade, esses dois objetos de discurso não designam sujeitos com a mesma liberdade de ir e vir. Aqui, é problematizada a forma de educar os filhos diferentemente em função apenas do gênero, em que a figura representada pelo objeto de discurso *filha*, ancora na ideia de que, desde cedo, é criada para se atentar e se reprimir para evitar o assédio ou a violência, ao contrário, do objeto de discurso *filho* que indica o sujeito que pode se comportar como quiser, até mesmo não respeitando as mulheres. Em (19), emerge, indiscutivelmente, a noção de que as mulheres têm de se comportar de modo a não provocar a figura masculina, o que pode incorrer em situação de violência contra elas.

O *#meuamigosecreto* do texto (20) evidenciado é o sujeito, obviamente, machista e incoerente, uma vez que, segundo seu próprio discurso, a ele é legitimado trair por ser homem, sendo que o inverso não é válido para as mulheres. Isso é justificado pela expressão *a carne é fraca*, de uso comum, e que retoma, na inferência, o discurso machista, mais uma vez, que incide na prática social de o homem “poder trair” e ainda ter uma justificativa para tal, enquanto, caso haja o contrário, a figura da mulher é discriminada de várias formas, podendo sofrer diversos tipos de violência.

O discurso machista carrega ideais e noções culturais, sociais e históricas ultrapassadas. Corresponde ainda a comportamentos de desigualdade de gênero em relação a mulher por quaisquer motivos, que podem muitas vezes desencadear situações de violência. Quanto ao enunciado *a carne é fraca*, lembremos que serve para justificar um erro, reconhecendo, de certa forma que a atitude tomada não fora adequada, uma vez que aconteceu via instinto.

A expressão *#meuamigosecreto* é um objeto de discurso introduzido com objetivo de manifestar uma crítica e realizar uma denúncia específica indicando, no decorrer do enunciado, um sujeito, que apesar de indeterminado, apresenta um comportamento social inadequado de acordo com a noção de igualdade de gêneros entre homens e mulheres. Esse comportamento se revela no discurso e vice-versa.

Nesses enunciados, as expressões referenciais ativam na memória do leitor conhecimentos de mundo que promovem a interpretação e a leitura não só do texto escrito, mas do enunciado produzido e da prática social em si que envolve aquele contexto. O ambiente digital, enquanto espaço democrático e comunitário, favoreceu a repercussão da campanha contribuindo para esclarecimento e até reconhecimento de situações e comportamentos machistas, que, normalmente, não são avaliados como tal.

No final do ano de 2015, inclusive, houve, graças às campanhas virtuais, o aumento no número de denúncias de violência contra a mulher, isso confirma a importância da luta feminista e do empoderamento feminino em meio virtual através do ativismo em defesa da igualdade de gêneros.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos que a interação em ambiente digital, intermediado pelas redes sociais, propiciou novas formas de comunicação, muitas delas moldadas pelos seus respectivos suportes: as redes sociais. Acreditamos que nossos objetivos foram contemplados, na medida em que os memes veiculados em redes sociais como *Facebook* e *Twitter* e, posteriormente, catalogados no *site* Museu de Memes foram analisados à luz do sociocognitivismo e sob orientação da referencialização, quando nos valem da busca e entendimento da construção dos objetos de discurso neles veiculados.

Através da investigação de outras teorias, que alinhadas à perspectiva transdisciplinar contemporânea da LT (HANKS, 2008; CAVALCANTE, 2012; CAVALCANTE E CUSTÓDIO FILHO, 2010; CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO E BRITO, 2014; MARCUSCHI, 2008, 2010, 2011, 2012; KOCH, 2009, 2011, 2015; KOCH E ELIAS, 2016), fomos capazes de perceber outros contextos influenciadores na produção dos textos e necessários ao seu entendimento. Discutimos a elaboração dos objetos de discurso através de outras semioses (imagens, cores, tipografia) e sua importância na composição estrutural dos memes, no reconhecimento também do fenômeno da intertextualidade (BAKHTIN, 2003; ROJO E BARBOSA, 2015; MARCUSCHI, 2008, 2010, 2011, 2012; KRESS AND VAN LEEUWEN, 2001, 2006; DIONÍSIO, 2011; DIONÍSIO E VASCONCELOS, 2013; XAVIER, 2009; RICHARD DAWKINS, 2006 [1976]; SUSAN BLACKMORE, 2000, LIMOR SHIFMAN, 2013, 2014).

Realizamos as análises do gênero meme através dos pressupostos teóricos da referencialização sempre levando em consideração a composição linguística e não linguística, recuperando também as inferências imbricadas àquela porção textual.

Deste modo, comprovamos, através de análise referencial, e um olhar multimodal a relevância de fenômenos não linguísticos para a construção de sentidos no texto, reconhecendo que o texto é evento comunicativo e construto de sentidos, no entanto sua leitura deve ser considerada em toda sua dimensão textual independente da composição nele encontrada, não apenas nos aspectos linguísticos. Para além disso,

afirmamos ser impossível realizar leituras eficientes se desprezamos os contextos de produção e de interação em que se encontram esses memes digitais.

Para tal foi preciso recuperarmos conceitos e trajetórias teóricas acerca do próprio conceito de texto e sua ampliação ao longo do tempo até os dias atuais. Dialogamos com perspectivas teóricas que contribuíram grandemente para a leitura e investigação dos *corpora*, uma vez que não são textos que foram largamente estudados em termos de micro e macro nível da linguagem. Algumas delas foram a multimodalidade, a cibercultura, a cultura, o conceito de meme nascido na biologia evolucionista, dentre outros de igual importância.

Assumimos uma postura multidisciplinar no sentido de que buscamos observar o funcionamento, a estrutura e a interação dos memes em ambiente digital, sua (re)elaboração de *objetos de discurso* e reconhecemos esses gêneros como artefato da (ciber)cultura e como prática social textual-discursiva representadora de grupos sociais que os produzem e que os compartilham através de informações comuns e subjetivas, na medida que também respondem à individualidade.

Entendemos que esta pesquisa teve fundamental importância relacionada aos estudos contemporâneos da LT, já que se propôs a investigar o processo da referenciação em textos multimodais evidenciando suas funções (gerar efeitos de humor, atender ao ativismo digital), reconhecendo sua composição não linguística textual e trazendo à vista os contextos envolvidos na e para a construção de efeitos de sentido.

Por fim, nesta pesquisa de caráter transdisciplinar nos dispusemos a buscar noutras áreas do saber conhecimentos capazes de embasar nossas análises, avaliações e, conseqüentemente, pontos de vista. Entendemos que ainda há muito mais a ser explorado a partir do momento que reconhecemos o *meme* digital enquanto gênero textual/discursivo em termos de teorias e metodologia, para além da questão do suporte responsável pela repercussão e compartilhamento desse gênero. Esperamos, portanto, que esta pesquisa seja fomentadora não só da investigação de como ocorrem os sentidos dos/nos textos, mas de se fazerem mais descobertas em relação às diversas formas de linguagens, à interação em ambiente digital e seu reconhecimento enquanto marca de um grupo social ou ativismo digital contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **A linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRÉ LEMOS discute internet, cibercultura e sociabilidade. 738. CONECTA. Salvador, TVUFBA, 2016. 13:07 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D4x5tliWGpA&t=2s>>. Acesso em dezembro de 2016.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979]. p. 261-306.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. ver., ampl. e atual. conforme novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BENTES. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 389-428.

BENVENISTE, E. (1989). O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de linguística geral**. Vol. II. Trad. De Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, p. 81-90.

BLACKMORE, S. **The meme machine**. Oxford University Press, 2000. p. 1-52.

BRAGA, D. B. **Ambientes digitais**: reflexões teóricas e práticas. São Paulo: Cortez, 2013.

CASTILHO, A. de T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, L. G. F. de. Uma análise referencial do curta “Tour Eiffel”, de Sylvain Chomet. In: **Ciberartigo**: Linguística, Hipertexto e Educação. FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro; FERREIRA, Lucas Pazoline da Silva (Org.). Aracaju: Editora Criação, 2016. Disponível em <[http://www.ciberpub.com.br/ebook2015/#\\_txtpr](http://www.ciberpub.com.br/ebook2015/#_txtpr)>

\_\_\_\_\_; Lima, G. de O. S. Meme digital: artefato da (ciber)cultura. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 10, n. 16, 2016. Disponível: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/13702>>

\_\_\_\_\_; CARDOSO, T. G. **Multimodalidade, intertextualidade e argumentação**: reflexões sobre o processo de referenciação no texto publicitário. In: III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDiAr). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016. Disponível em:

[http://www.uesc.br/cursos/graduacao/licenciatura/letras/proeda/arquivos/anais\\_iiisediart\\_2016.pdf](http://www.uesc.br/cursos/graduacao/licenciatura/letras/proeda/arquivos/anais_iiisediart_2016.pdf)>.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

\_\_\_\_\_; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n. 2, 2010.

\_\_\_\_\_. *et al.* Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-261.

\_\_\_\_\_; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

\_\_\_\_\_. Referenciação: uma entrevista com Mônica Magalhães Cavalcante. **ReVEL**, vol. 13, n. 25, 2015. [www.revel.inf.br].

CAZUZA. **Quase um segundo**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cazuza/87860/>. Acesso em: 14 maio 2016.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

CHAGAS, V.; FREIRE, F.; RIOS, D.; PAZ, L. F. **Museu de Memes**. 2011. Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/acervo/>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

CHAGAS, V.; FREIRE, F.; RIOS, D.; PAZ, L. F. **Museu de Memes**. 2011. Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/sermons/kilroy-was-here/>>. Acesso em 20 dez. 2016.

CHEN, Carl. **The Creation and Meaning of Internet Memes in 4chan**: Popular Internet Culture in the Age of Online Digital Reproduction. Habitus, Yale University, New Haven, CT, Vol III. p. 6-19. 2012. Disponível em: <[http://www.yale.edu/habitus/habitus\\_design\\_6.625\\_\(3\).pdf](http://www.yale.edu/habitus/habitus_design_6.625_(3).pdf)>. Acesso em: Maio de 2015.

COELHO, André L. P. F. **Brace yourselves, memes are coming**: formação e divulgação de uma cultura de resistência através de imagens da internet. Dissertação de Mestrado. Campinas-SP, Labjor-UNICAMP, 2014.

COELHO, P. M. F.; COSTA, M. R. M. O ativismo digital: reflexões e apontamentos semióticos. **TECCOGS**. n. 8. 2013. Disponível em: <[http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2013/edicao\\_8/1-ativismo\\_digital\\_reflexoes\\_apontamentos\\_semioticos-patricia\\_margarida\\_farias\\_coelho-marcos\\_rogerio\\_martins\\_costa.pdf](http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2013/edicao_8/1-ativismo_digital_reflexoes_apontamentos_semioticos-patricia_margarida_farias_coelho-marcos_rogerio_martins_costa.pdf)>. Acesso em 15 fev. 2017.

CUSTÓDIO FILHO, V. Aspectos multimodais envolvidos na construção da referência. In: **VI Congresso Internacional da ABRALIN**. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 1. p. 2927-2936.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 12, n.3, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1518-76322012000300009>>. Acesso em: maio de 2015.

DAWKINS, R. **The Selfish Gene**. Oxford University Press. 30<sup>th</sup> anniversary ed. 2006. p. 1-20; 189-201.

**DICIONÁRIO DE LATIM-PORTUGUÊS, PORTUGUÊS-LATIM**. 2006. Porto, Porto Editora.

DIJK, T. A. V. **Cognição, discurso e interação**. (Org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DIONISIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S.; (Org). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-151.

\_\_\_\_\_; Vasconcelos, Leila Janot de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUNZEN, Clecio; Mendonça, Márcia (Org.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 19-42.

\_\_\_\_\_; Vasconcelos, Leila Janot de. Multimodalidade, capacidade de aprendizagem e leitura. In: BUNZEN, Clecio; Mendonça, Márcia (Org.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 43-67.

ELIAS, V. M. Estudos do texto, multimodalidade e argumentação: perspectivas. **ReVEL**. edição especial. vol. 4. n. 12, 2016. p. 191-206.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Uma introdução aos estudos culturais**. Revista FAMECOS, Rio Grande do Sul. v. 1, n. 9, 1998. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014/2292>>. Acesso em Julho de 2015.

FONTANA, M. G. Z. **Argu(meme)ntando**: Argumentação, discurso digital e modos de dizer. [Apresentação em Power point]. In: III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDiAr). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016. Disponível em: < <http://octeventos.com/sediar/programação-minicursos.php>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005a.

\_\_\_\_\_.; MORATO, M. E.; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005b.

\_\_\_\_\_.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011a.

\_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2016a.

\_\_\_\_\_.; O texto na Linguística textual. In: BATISTA, R. O. (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editora, 2016b.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. V. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. Oxford University Press, 2001. p. 1-21.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. V. **Reading images**: the grammar of visual design. Taylor and Francis, 2006.

LIMA, G. O. S.; CARDOSO, T. G. Quadrinhos, intertextualidade, orientação argumentativa: discutindo o processo de recategorização em um gênero multimodal. **Revista(Con)Textos Linguísticos** (Edição Especial Humor nos Quadrinhos). V. 9, n. 13, 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/10910/8226>. Acesso em: janeiro de 2016.

LUCENA, G. X. D. Quem conta um conto aumenta um ponto: os memes e a pesquisa na comunicação. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, Acre, v. 1, n. 4, p.1-14, dez. 2015. Disponível em: <http://revistas.ufac.br/revista/index.php/tropos/index>. Acesso em: 18 dez. 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Linguística de texto**: o que é como se faz? São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S.; (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 16-31.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C.; (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construções de sentido. São Paulo: Cortez, 2010. p. 11-80.

MARQUESI *et al.* Ensino em meios digitais: uma questão de leitura e escrita. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 354-388.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p. (Coleção TRANS). p. 21-45, 77-85. Disponível em: <[http://www.moodle.ufba.br/file.php/8897/levy\\_cibercultura.pdf](http://www.moodle.ufba.br/file.php/8897/levy_cibercultura.pdf)>. Acesso em Junho de 2015.

MONDADA, L. **Gestion Du topic et organization de la conversation**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: IEL/Unicamp. N. 41, p. 7-036, 2001.

\_\_\_\_\_.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A.; (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

\_\_\_\_\_. **Referenciação e discurso**. Ingedore Villaça Koch, Edwiges Maria Morato, Anna Christina Bentes (org.). São Paulo: Contexto, 2005.

ORTIZ, R. Estudos Culturais. **Revista Tempo Social**. vol. 16. n. 1. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v16n1/v16n1a07.pdf>>. Acesso em: junho de 2015.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2012.

ROJO, R. H.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SHAKESPEARE, W. **Obras escolhidas**. Trad. Beatriz Viégas-Faria e Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 564

SHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. MIT Press, 2014.

\_\_\_\_\_. **The cultural logico of photo-based meme genres**. Journal of visual culture. Vol 13(3): 340–358 DOI 10.1177/1470412914546577. Disponível em: <<http://vcu.sagepub.com/content/13/3/340.short>> Acesso em Maio de 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

XAVIER, A. C. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.